

MOURO

Revista Marxista - Núcleo de Estudos d'O Capital – Ano 1 nº1 Julho de 2009



Juventude

A construção histórica da juventude e a ascensão da “juvenildade”

Aginaldo dos Santos

Os velhos em 68

Lincoln Secco

Entrevista

Geração 69

Mau – Garotos Podres

Livros

recomendados

Ensaio

Dois olhares sobre a Amazônia

Francisco Del Moral

Irineu Barreto

Resenha

Caio e Caio

Lidiane Soares Rodrigues

Eduardo Belandi

Memória

Fúlvio Abramo

Poesia

Maio

Ana Lúcia Rebolledo

SUMÁRIO

- Editorial Pg 5
- A construção histórica da juventude e a ascensão da “juvenildade”
Agnaldo dos Santos pg 7
- OS VELHOS em 68
Lincoln Secco pg 33
- Entrevista: Geração 69
- Mau da Banda de Punk Rock Garotos Podres pg 43
- Livros pg 67
- Ensaio: dois olhares sobre a Amazônia
 1. Transtorno Obsessivo do Capital na exuberante Volta Grande do Xingu: Amazônia, beira de rios e proximidades.
Francisco Del Moral pg 73
 2. Amazônia.
Irineu Barroso pg 97
- Resenhas: Caio Prado
 1. A dinâmica de um pensamento crítico: Caio Prado Jr.
Lidiane Soares Rodrigues pg 123
 2. Caio Prado Júnior: o sentido da revolução;
Eduardo Belandi pg 131
- Memória:
100 anos de Fúlvio Abramo – Fúlvio fala sobre o pai em entrevista – 1992. pg 139
- Poesia
Ana Lúcia Rebolledo pg 147

Conselho editorial

**Lincoln Secco,
Agnaldo dos Santos,
José Rodrigues Mao Junior,
Luis Eduardo Simões e Souza**

Redação

**Ciro Seiji, Lígia Yamasato e Marisa
Yamashiro**

**Ilustrações
Ciro Seiji**

**Fotos
Francisco Del Moral**

Revista Mouro

Correspondência:

contato@mouro.com.br

**Revista digital
disponível em:
WWW.mouro.com.br**



IDEO
graphos

'Mouro' é a nova revista teórica do Núcleo de Estudos d'O Capital. Ela foi concebida para ser uma contribuição para o estudo e análise da realidade contemporânea sob as várias óticas pertinentes ao Marxismo e também da trajetória do Socialismo.

O Núcleo de Estudos d'O Capital foi fundado em 10 agosto de 1992 com o objetivo de reunir estudiosos do Marxismo no âmbito da esquerda operária. Fiel ao espírito do Manifesto Comunista, o grupo considera que os marxistas nunca constituem um partido separado da classe trabalhadora, ao contrário, devem produzir reflexões que sirvam de apoio à prática política socialista.

Este primeiro número tem como dossiê o ano de 1968, que foi caracterizado por uma importante ruptura na história contemporânea. Todavia lançamos uma abordagem pouco explorada nos artigos e documentos sobre aquele evento, a saber: as opiniões contraditórias que foram externadas na época não só por conservadores, mas também por militantes comunistas e operários que defendiam uma idéia de revolução baseada na classe trabalhadora e não apenas numa juventude temporariamente deslocada de seu efetivo lugar da sociedade burguesa.



A construção histórica da juventude e a ascensão da “juvenilidade”¹

Agnaldo dos Santos²

Introduzindo o Tema

Nesse aniversário de quatro décadas do chamado Maio de 1968, quando jovens estudantes franceses promoveram movimentos de contestação à sociedade de consumo ocidental (com seus equivalentes na então denominada “Cortina de Ferro”), torna-se bastante pertinente refletir sobre essa categoria social tão festejada por amplos segmentos da sociedade, do Estado até corporações empresariais, que classificamos genericamente de Juventude. Podemos, numa reflexão desse tipo, verificar até que ponto ela possui

1 Esse texto é baseado em reflexões realizadas na dissertação de mestrado do autor defendida na FFLCH-USP em 2001

2 Doutor em sociologia pela USP e membro do Núcleo de Estudos d'O *Capital* (NEC – PT/SP).

efetivamente componentes libertários ou, ao contrário, traz consigo grilhões implícitos e extremamente sutis para cidadãos de todas as faixas etárias, mas principalmente para os próprios jovens.

Quando falamos em juventude, muitas vezes nos esquecemos que esse conceito foi construído ao longo de alguns séculos, portanto nem sempre existiu aquilo que conhecemos hoje por “jovem”. Devemos notar que a idéia de geração, ou de identidade etária específica, é uma criação da modernidade, tal qual nos sugeriu Ariès (1978). O autor demonstrou como a “descoberta” da infância e a valorização da adolescência ocorreram em épocas relativamente recentes, nos últimos dois ou três séculos aproximadamente. Quando vemos toda a indústria de consumo voltada para a criança (roupas, brinquedos, programas televisivos *etc*) jamais pensaríamos que pudesse ter existido um mundo que comparava uma criança a um animalzinho. Tal comparação ocorria pois os óbitos infantis eram muito altos, e as crianças eram consideradas “engraçadinhas”, pitorescas, tal qual os gatos e cachorros, que divertiam os adultos. “Não se pensava, como normalmente acreditamos hoje, que a criança já contivesse a personalidade de um homem (...). O sentimento de que se faziam crianças para conservar apenas algumas era e durante muito tempo permaneceu muito forte” (pp. 56-57).

Do mesmo modo que as sociedades tradicionais européias consideravam crianças apenas aqueles seres que ainda dependiam do colo dos pais, sendo posteriormente inseridos no cotidiano comunitário e social, o adolescente e o jovem não estavam apartados do mundo adulto, pelo contrário. Conviviam com os mais velhos, aprendiam o que deveria ser aprendido no dia-a-dia, não existia portanto a possibilidade de uma cultura jovem, uma classe por idade, desenvolver-se no *Ancien Règime*. Por outro lado, esse mundo não era rigorosamente mensurável e computável, no sentido de que não existia uma preocupação muito grande com a precisão das

datas de nascimento, pelo menos entre a plebe. A expectativa de vida era muito curta para nossos padrões, a passagem da infância à maturidade era bem rápida, e chegava-se muito cedo à velhice.

Não há dúvida de que a Antigüidade e a Idade Média no Ocidente valorizavam a juventude, antes de tudo porque valorizavam o guerreiro – belo e viril. Porém, será o século XX que fará uma distinção positiva da adolescência, o que de fato expandirá o senso de juventude:

“A consciência da juventude tornou-se um fenômeno geral e banal após a guerra de 1914, em que os combatentes da frente de batalha se opuseram em massa às velhas gerações da retaguarda. A consciência da juventude começou como um sentimento comum dos ex-combatentes, e esse sentimento podia ser encontrado em todos os países beligerantes (...). Daí em diante, a adolescência se expandirá, empurrando a infância para trás e a maturidade para a frente” (Ariès, 1978, p.47).

Ele distinguiu portanto o processo de aprendizado no Antigo Regime (momento na qual a convivência de adultos e crianças criava as condições para a transmissão cultural) do processo de socialização moderna, que constrói a educação via instituição escolar, apartando a criança do mundo "adulto", particularmente do mundo do trabalho. Isso parece correto quando falamos da criança e do jovem das classes médias urbanas e da aristocracia (*strictu sensu*, mas também burguesa) que foram criados na nascente sociedade industrial; o mesmo não se pode dizer das crianças e adolescentes que engrossavam o contingente do proletariado fabril na Europa (e sabemos, também no Brasil). Ariès faz notar que o processo escolar medieval não era determinado pela divisão etária, a escola “(...) acolhia da mesma forma e indiferentemente as crianças, os

jovens e os adultos, precoces ou atrasados, ao pé das cátedras magisteriais” (*idem*, p. 187). Contudo, com o surgimento da sociedade capitalista, aquela convivência entre jovens e adultos, entre plebeus e nobres nos antigos colégios foi substituída pela introdução de uma férrea disciplina³ e de uma divisão mais precisa por idade. A partir de agora, passava a existir dois tipos de escola, uma primária para o povo e outra mais prolongada para a nova classe social em expansão: a burguesia.

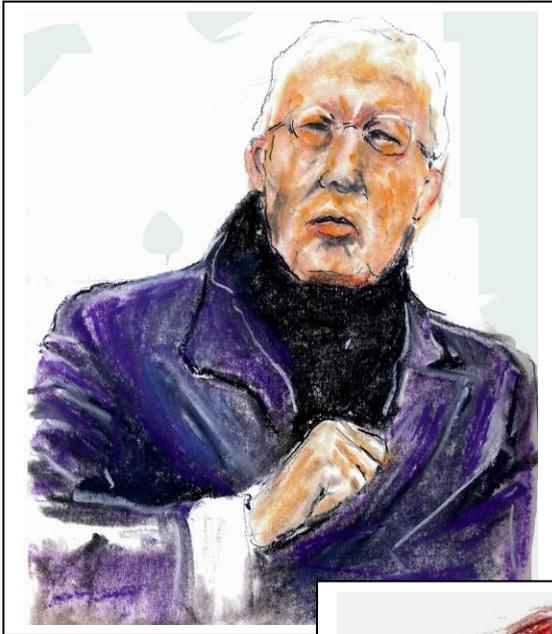
Ao contrário da nobreza, que em alguns casos até tolerava o analfabetismo entre seus pares, o típico burguês prezava pela distinção formal e real das classes via processo educacional, o que acarretou um aumento nos anos de educação, que fez com que ela passasse a coincidir com os anos da infância e adolescência. Fica mais claro o traço histórico e artificial do senso de classe etária quando lembramos o trabalho infantil no período da Revolução Industrial, que certamente acelerava a introdução da criança e do jovem no mundo adulto, tal qual na Idade Média. “Existe portanto um notável sincronismo entre a classe de idade moderna e a classe social: ambas nasceram ao mesmo tempo, no fim do século XVIII, e no mesmo meio – a burguesia” (*idem*, p. 194).

Quando falamos então de criança e de jovem, não podemos perder de vista esse recorte de classe social. A historiadora francesa Michelle Perrot, ao tratar da juventude operária europeia do século XIX, também mostra como a industrialização desencadeara uma “crise de aprendizagem” entre os jovens, incluídos desde muito cedo no mercado de trabalho, e como esta pessoa jovem tinha poucas alternativas naquela sociedade.

3 Confira também Michel Foucault, 1997, pp. 154-161.

“[A sociedade industrial] está só interessada em indivíduos, ou pelo menos em famílias. A família é, mais que nunca, a instância de gestão e de decisão no que concerne aos jovens. Ora, ela tem sua lógica própria que não é necessariamente a dos membros que a compõem; uma lógica mais holista que individualista, que privilegia o todo sobre as partes e se aplica especialmente às mulheres e aos jovens, lógica que a classe operária, em via de constituição, irá retomar. Sua identidade não se funda nem sobre o gênero, nem sobre a categoria de idade; ao contrário, ela pretende subsumi-los [grifo meu]. A família – e a classe – operária tem necessidade de seus jovens, mas lhes pede trabalho, obediência e, em última instância, silêncio. Eles se exprimem pouco, e, quando o fazem, sua voz é reprimida” (Perrot, 1996: 84).

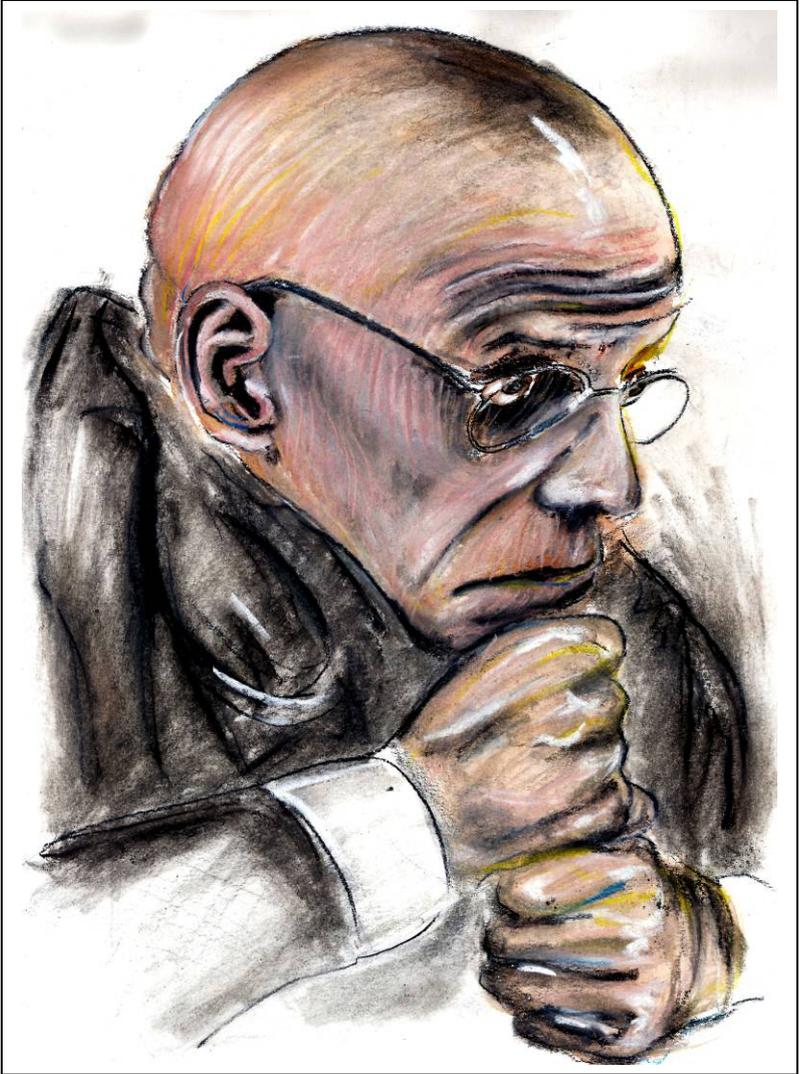
Por outro lado, “(...) o século XIX tem medo de sua juventude, e particularmente de sua juventude operária, da qual se teme a vagabundagem, a libertinagem e o espírito contestador” (*idem*, p. 85). Devemos a esta autora também a definição de uma "juventude da greve", que ocorrera na França em meados do século XIX até o seu findar, com a constituição da moderna classe operária francesa. Seus estudos sobre os movimentos grevistas fizeram notar que não só existia uma participação considerável de jovens trabalhadores nesses eventos, como a própria forma adotada pelas greves (irreverência, disposição inesgotável para o confronto *etc*) fazia referência a um novo *modus vivendi* entre o emergente proletariado:



Philip Ariès



Michele Perrot



Michel Foucault

“A greve tem, na maioria das vezes, uma dupla função : ela é meio de pressão e modo de expressão. No século XX, sua característica instrumental tem por vezes feito refluir sua densidade expressiva. No século XIX, ao contrário, isso é que era o principal. A greve é jovem. Os desejos e os planos, a representações e os fantasmas dos grupos em luta se confrontam sem mediação.” (Perrot, 1984: 09, tradução própria).

Urge, então, refletir por que esse perfil do movimento operário descrito acima, decerto com explícito entusiasmo (mas essencialmente percebido por seus atores como uma "qualidade") vai perder cada vez mais espaço para uma concepção formalizada, burocrática, de organização sindical⁴.

O movimento operário europeu do século XIX continha, em seu seio, vários líderes e militantes já a partir dos quinze anos de idade. As antigas oficinas propiciavam aos jovens aprendizes apenas revoltas individuais, tumultos e fugas da tutela rígida do mestre⁵; no caso da fábrica, o maior número

4 É preciso, contudo, fazer justiça à história do sindicalismo metalúrgico do ABC paulista, que soube, nos momentos de enfrentamento com o aparato repressor da ditadura militar, lançar mão de expedientes muito parecidos com aqueles usados pelos franceses 100 anos antes. Kátia Paranhos demonstra em sua pesquisa como o sindicalismo metalúrgico de São Bernardo estabelecia uma nova relação com os trabalhadores já desde meados da década de 1970, criando e recriando novas linguagens e condutas mais politizadas no cotidiano operário. “Ao folhearmos as páginas do jornal *Tribuna Metalúrgica*, observamos não apenas novas falas e imagens políticas, econômicas e sociais dos “lugares da luta”. Há também um peso significativo para as imagens culturais, aos planos de formação sindical e política, aos projetos de renovação da imprensa e às atividades de lazer. Assim, outros enunciados imagéticos vêm juntar-se à animação operária” (Paranhos, 1999, p. 260).

5 Sobre a característica dessas revoltas individualizadas, ver DARNTON, Robert. *O Grande Massacre dos Gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro, Graal, 2001.

de pessoas nas mesmas condições sociais (e na mesma faixa etária) facilitava ações mais coletivas. Se não constituíam um movimento social de tipo moderno, utilizavam este canal, e principalmente a greve, para expressarem o descontentamento com suas condições laborais e mesmo com sua condição subordinada na família operária.

“Os jovens estão presentes nesses movimentos [de massa], manifestando-se com ardor. Entre 1871 e 1890, 16% dos manifestantes detidos têm entre 15 e 19 anos e 6% dos líderes identificados pertencem a essa faixa de idade. Delineam-se figuras de jovens ‘líderes’, com a voz potente, o tom da recusa e às vezes o carisma que arrebatava” (Perrot, 1996: 112).

Contudo, em várias ocasiões esse contingente juvenil era pouco respeitado, sequer ouvido.

“Nas minas, a situação dos condutores ou carregadores de vagonetes é mais desconfortável, e seu papel incitador depende da estrutura familiar. (...) Reduzidos ao silêncio na família, também o são nos sindicatos, que sempre estabeleceram cláusulas restritivas a seu voto; em Seraing, é preciso ter 21 anos para votar numa assembleia. Suas greves próprias, relativamente numerosas, são pouco levadas em conta pelos mais velhos, que julgam que eles não têm voz no assunto, que há um tempo para tudo” (*idem*, p. 112).

Percebe-se que os jovens mais se manifestam do que se associam, que nos combates de rua típicos da Europa oitocentista eram ardentes nas barricadas mas não esqueciam dos prazeres da vida; estamos portanto longe do típico militante

asceta bolchevique do século XX. Somente os grandes acontecimentos os mobilizavam (as jornadas de julho de 1848, a Comuna de Paris de 1871), e salvo casos raros, seu cotidiano era preenchido, além do trabalho, por bailes e esportes – hegemonicamente o boxe e a luta de rua, ao contrário da esgrima aristocrata. Como muitos desses jovens rebelavam-se não só contra os patrões, mas também contra a tutela paterna, consideravam os embates como uma possibilidade de mudar de estilo de vida, de serem mais livres, o que pode explicar sua aversão ao institucional.

“A sociabilidade informal, predominante na primeira metade do século, lhes convém mais que as organizações formais e hierarquizadas. Por considerarem os jovens como menores e subordinados, na maioria das vezes, *sindicatos e partidos não favoreceram muito sua integração* [grifo meu]. Daí sua atração, no início do século, pelos libertários que os acolhem melhor” (Perrot, *idem*, p. 117).

Vemos nesse painel que a relação entre o movimento sindical e os jovens operários era, desde a gênese das lutas operárias mais organizadas, no mínimo problemática⁶. Não que eles não estivessem presentes, pelo contrário, muitas vezes eram a vanguarda das greves e combates de rua. Mas parece que já naquele momento – fins do século XIX, início do século XX – ocorria uma crescente consciência de pertencimento a uma classe específica, com comportamentos característicos e desejos comuns; já naquele momento o lazer e o consumo (e a sexualidade) disputavam com a política seu espaço no meio de

6 A valorização do trabalho *adulto* trazia embutida a defesa que muitos sindicatos fizeram de uma remuneração menor para os mais jovens. Foi uma herança da hierarquia das corporações e guildas, em que os jovens eram aprendizes.

uma nascente “juventude”. Não obstante, será no século XX que testemunharemos as tentativas de construção não só de uma consciência da juventude, mas particularmente da figura do jovem radical ou do jovem revolucionário.

Juventude e Bolchevismo

Ainda que sejam interessantes as analogias que se fizeram ao longo das últimas décadas entre o bolchevismo e algumas religiões, como o cristianismo, no tocante às idéias de vanguarda e de missão (Portelli, 1984), não vamos nesse espaço explorar tais características, sugeridas pela ótima gramsciana. Importa aqui saber que a “mística” do ideário comunista influenciou muitos jovens do fim do século XIX e início do século XX; desta feita seria natural então que os principais teóricos dessa tendência se manifestassem a respeito desses jovens. Lênin deixou vários escritos em que discute a temática da juventude e sua relação com o movimento comunista internacional no início do século XX. Sua visão do jovem trabalhador era a mesma da percepção corrente no movimento operário, inclusive em sua reivindicação histórica, a de que as crianças deveriam dedicar-se integralmente à escola, e o jovem deveria ter uma jornada de trabalho limitada.

Nos “Materiais para a revisão do programa do Partido”, escrito entre abril e maio de 1917, vemos que uma das bandeiras do Partido Operário Social Democrata da Rússia era “o ensino geral e politécnico (conhecimento da teoria e a prática de todos os ramos principais da produção), gratuito e obrigatório para todos as crianças de ambos os sexos até os 16 anos; estreita ligação do estudo com o trabalho social produtivo das crianças” (Lênin, 1976, p. 53). Quanto aos jovens militantes do movimento estudantil, o líder bolchevique era

incisivo: só era realmente radical o revolucionário que estivesse afinado com a vanguarda do movimento social, que para ele era o movimento operário:

“É preciso que a União das Juventudes Comunistas una sua formação, sua instrução e sua educação aos trabalhos dos operários e camponeses, que não se feche em suas escolas nem se limite a ler livros e folhetos comunistas. Somente trabalhando com os operários e os camponeses se pode chegar a ser um verdadeiro comunista” (*idem*, p. 4, traduzido do espanhol).

Interessante notar que na concepção bolchevique, era necessário subsumir todos os interesses particulares em prol da causa operária, inclusive em um ponto que tornou-se questão de honra para todos os movimentos de identidade juvenil no século XX, que era o serviço militar obrigatório. Mesmo reconhecendo a injustiça no recrutamento militar, que os filhos de trabalhadores são sistematicamente humilhados nas casernas, que os jovens estudantes radicais eram recrutados como uma forma de substituir Voltaire por um sargento, e que os jovens aristocratas eram sempre agraciados, mesmo assim Lênin afirmava que a instrução militar era importante:

“A militarização impregna hoje toda a vida social (...) Que farão contra isso as mulheres proletárias? Limitar-se a maldizer toda a guerra e todo militar, limitar-se a exigir o desarmamento? A mulheres de uma classe oprimida verdadeiramente revolucionária jamais se resignarão com tão desonroso papel. Dirão a seus filhos – logo serás adulto. Te

darão um fuzil. Tome-o e aprenda bem a arte militar. Esta ciência é indispensável para os proletários; não para disparar contra teus irmãos (...) mas sim para lutar contra a burguesia de teu próprio país ” (...) [*idem*, p. 50, tradução do espanhol].

Tais palavras ganham ainda mais significado quando voltamos nossos olhos para o papel da carreira militar na ascensão social de jovens de classes sociais menos favorecidas ao longo do século passado. Só para ficar em dois casos notórios, tanto Luís Carlos Prestes no Brasil (principal expoente do Movimento Tenentista) quanto o capitão Maia da Revolução dos Cravos em Portugal representavam jovens oficiais com tais origens, portanto seria factível buscar relações entre ascensão social via caserna e participação política, ao menos em conjuntura políticas favoráveis a tais manifestações. Sociedades onde a ascensão social não ocorre de forma estrutural (ou seja, onde o crescimento econômico já não abre oportunidades de mobilidade), mas cíclica (ocorrendo mobilidade por meio de intensa e perversa competitividade) é que oferecem esse tipo de carreira mais segura, somando-se ao fato que o *status* dessa opção já não fica restrito exclusivamente aos filhos de oficiais, abrindo espaço aos demais estratos sociais.

Destarte, fica fácil hoje falarmos nos excessos do tipo de visão descrita na citação de Lênin acima, que paradoxalmente exaltava as qualidades da juventude mas que subordinava suas reivindicações à causa do socialismo. Devemos ter em mente, no entanto, que este arquétipo do jovem revolucionário, que seria o modelo de um novo homem, contribuiu muito para a auto-identidade da juventude no século XX. Eric Hobsbawm percebeu isso quando comenta a ação dos comunistas nos vários cantos do planeta durante a ‘Era dos

Extremos'. Refletindo sobre os anos logo após a Revolução de Outubro de 1917, o autor destaca:

“Para essa geração, sobretudo os que, embora jovens, viveram os anos de levante, a revolução foi o acontecimento de suas vidas. (...) Tomemos o caso de dois jovens alemães temporariamente ligados como amantes, que foram mobilizados pela revolução soviética da Baviera de 1919; Olga Benário, filha de um próspero advogado de Munique, e Otto Braun, um professor primário. Ela iria ver-se organizando a revolução no hemisfério ocidental, ligada e afinal casada com Luís Carlos Prestes; (...) o levante fracassou e Olga foi entregue pelo governo brasileiro à Alemanha de Hitler (...). Enquanto isso, Otto, bem mais sucedido, partiu para a revolução no Oriente, (...) o único não chinês a participar da famosa ‘Longa Marcha’ dos comunistas chineses (...). Quando, a não ser na primeira metade do século XX, poderiam duas vidas interligadas ter tomado esses rumos?” (Hobsbawm, 1996, pp. 79-80).

Indubitavelmente, a jovem república soviética da Rússia, os jovens soldados da revolução, e a esperança no surgimento de um novo homem, em um momento que o capitalismo parecia cair de maduro (década de 1930), tonificavam o paradigma da juventude revolucionária.

Teenagers by America

Mas aqui estamos falando ainda de minorias, muito visíveis, mas minorias. É possível falar realmente de uma emergência da juventude (como fenômeno de massa) a partir dos anos 50, início da época de ouro do capitalismo europeu e norte-americano, além de ser um período de ascensão de governos com recortes desenvolvimentistas em países da periferia, como o Brasil. Será o momento de expansão, para o Ocidente, do *american way of life*, incluindo o seu comportamento social. Assim, de um mundo que não conhecera a adolescência – da infância saltou-se para a maturidade com as duas guerras mundiais – formava-se a partir de então o universo dos *teenagers*, com linguagem própria, um padrão de consumo e grupos de convivência contínua, disputando cada vez mais com os espaços tradicionais da família e da igreja. O consumo era o elemento de coesão etária, pois vestia-se as mesmas roupas, utilizava-se os carros e motocicletas “radicais” e ouvia-se a mesma música: o *rock’n’roll*.

“Tratava-se da primeira geração de adolescentes americanos privilegiados, mas sobretudo da primeira geração que apresentava uma coesão tão acentuada, um auto-reconhecimento enquanto comunidade especial com interesses comuns. A figura do adolescente que de tal modo emergia era associada sobretudo à vida urbana e encontrava seu habitat na *high school* – que parecia transformada num cosmo em si -, com os clubes, as atividades esportivas extracurriculares e lugares acessórios, como a *drugstore*, o automóvel, o bar para jovens” (Passerini, 1996: 354).

Essa nova construção histórica de juventude, que com as devidas alterações sobreviverá até os nossos dias, destaca os “problemas” que a mocidade desenvolve para o conjunto do

corpo social, pois são em geral apresentados como rebeldes sem causa, transgressores, excessivamente lúdicos. A imprensa e as autoridades acabaram por eleger os líderes estereotipados dessa geração (James Dean, Elvis Presley, logo após os Beatles, os Rolling Stones), e os acontecimentos dos anos 1960 (Guerra do Vietnã, luta pelos direitos civis norte-americanos, Maio de 68) apenas reforçaram os contornos dessa grande “comunidade juvenil”. No caso brasileiro, foi paradigmático o conflito entre os estudantes da Faculdade de Filosofia da USP e os estudantes da Universidade Mackenzie (onde existia um grupo denominado Comando de Caça aos Comunistas) em outubro de 1968, que mesmo representando uma pequena parcela da juventude brasileira (universitária), ganhou destaque como o símbolo do ativismo juvenil do período. Já o movimento musical conhecido como Jovem Guarda buscou “tupiniquinizar” a outra vertente do perfil juvenil estereotipado – a dos jovens despolitizados, mas extremamente preocupados com sua afetividade e com os prazeres da vida, por aqui chamada de “ié, ié, ié”.

De fato, não se tratava apenas de uma juventude, mas de várias juventudes; o que não contrariava o fato de que todos esses grupos agora constituíam um estrato consciente de sua condição *sui generis*. Os membros das classes médias encontravam naquele momento condições de enviar seus filhos às universidades; os filhos dos operários, embora raramente chegassem aos bancos acadêmicos, começavam também a desfrutar da prosperidade econômica:

“Os operários, sobretudo nos últimos anos de juventude, antes que o casamento e as despesas domésticas dominassem o orçamento, agora podiam gastar em luxo, e a industrialização da alta-costura e do comércio da beleza a partir da década de 1960

respondeu imediatamente” (Hobsbawm, 1996, p. 301).

Devemos notar que esse período, que representou de fato uma revolução cultural no século XX, apontou para dois fenômenos que nos interessam em particular – a volatilização da consciência de classe operária e a percepção individualista da política. A ampliação do consumo entre as classes trabalhadoras nos países europeus e na América do Norte disponibilizava outras formas de lazer, que durante um bom tempo foi hegemônico por instituições como, por exemplo, o Estado, o partido e o sindicato (os comícios, as partidas de futebol, os bailes). O espaço público, local dos comícios, das festas, das refeições ao ar livre, começava a perder a preferência para o espaço privado, com a popularização do rádio, da televisão e do toca-discos. Nesse contexto, as novas gerações de militantes, surgidas nos anos 1960, divergiam muito daquela geração de Olga Benário:

“O slogan de maio de 1968, Quando penso em revolução quero fazer amor, teria intrigado não só Lênin, mas também Ruth Fischer, a jovem comunista vienense cuja defesa da promiscuidade sexual Lênin atacou. Mesmo para o neomarxista-leninista radical, consciente político, típico das décadas de 1960 e 1970, o agente do *Comintern* de [uma peça de] Brecht que, como caixeiro-viajante, fazia sexo com outras coisas em mente teria sido incompreensível. (...) Não se podia claramente separar fazer amor e fazer revolução” (Hobsbawm, 1996, p. 326).

Um aspecto muito interessante dessa juventude de 1968, que gerou tanto jovens politicamente radicais quanto pacifistas (os *hippies*), é a semelhança com a juventude romântica do século XIX. Groppo (2000) fez notar que a fuga do consumismo, da agitação da cidade moderna e a preocupação com a integridade moral não eram novidades deste século: O Movimento Juvenil Alemão teria, já no último quartel daquele século, apresentado duas características que o senso comum atribuiria aos jovens contemporâneos, “(...) o totalitarismo – o projeto de uma sociedade exclusivamente juvenil – e o romantismo – a fuga para os campos, para o ‘primitivo’ e para o ‘comunitário’ “ (p.102). Mesmo quando tratamos dos jovens que aventuraram-se nas guerrilhas de inspiração guevarista, chama a atenção algumas semelhanças com o idealismo romântico passado. Pois, se o *Wandervogel* (Pássaro Migrante, grupo símbolo da Juventude Alemã) promovia marchas para os campos e aldeias da Alemanha, os revolucionários latino-americanos tinham como símbolo a Sierra Maestra da Revolução Cubana. Além disso, um dos teóricos do chamado foquismo e companheiro de “Che” Guevara, Régis Debray, atribuía maior importância à jovialidade do militante do que ao seu conteúdo classista.

“O tom juvenil da propaganda foquista é capaz de (...) derrubar a determinação classista que aflige o indivíduo abnegado – algo possível através da vida na guerrilha, que faz com que os jovens burgueses e ‘pequenos-burgueses’ adquiram uma nova consciência social, oposta à sua classe de origem”, a partir do momento em que “(...) acontece a reunião de elementos jovens numa ‘comunidade’ guerrilheira” (Groppo, 2000, p. 268).

Não é possível comparar esses dois momentos distantes no tempo sem observar suas peculiaridades e suas diferenças. Há uma distância muito grande entre Werther, personagem de Goethe e um dos símbolos dessa juventude romântica, e James Dean, o jovem rebelde “sem-causa”. Mas parece claro que temos aí uma espécie de tipo ideal do que ficou cristalizado como juventude moderna. Cabe agora problematizá-lo.

Juvenildade e a “Ditadura da Juventude”

Como vimos, parte da produção sociológica mais recente têm procurado apontar a insuficiência não só da padronização da juventude como uma “classe”, como também da atribuição de uma caráter marginal” ou “revolucionário” aos jovens contemporâneos. De um modo geral, essa produção tem buscado afastar o estereotipo de passividade juvenil, ou seja, de uma juventude que apenas sofre a intervenção de instituições sociais, e que teria, desta feita, uma postura mais propositiva – um protagonismo juvenil, um setor (ou conjunto de setores) que desejaria dialogar e expôr suas necessidades. Talvez o maior paradigma desse protagonismo juvenil seria, atualmente, o movimento *Hip Hop*, dos jovens pobres e negros das periferias das metrópoles. Estes jovens procurariam, através da música *rap* e dos grafites desenhados pela cidade, denunciar a violência e as injustiças sociais sofridas nos bairros populares, e utilizariam portanto a estética, a arte, como canal de comunicação social.

Sem questionar a originalidade e as possíveis contribuições dessas manifestações juvenis, caberia perguntar se a “autoconsciência jovem” e sua condição social teriam a mesma pertinência que aquela surgida já em fins do século XIX e desenvolvida ao longo do posterior. Sem igualmente cair

em anacronismos de qualquer espécie, é necessário recordar o que foi dito no início – a categoria juventude é uma construção social e histórica, mas como tal está sujeita a sofrer alterações e a interferência da lógica mercantil, que sabemos desde Weber é a que mais tende a colonizar as demais esferas da vida na modernidade capitalista. O antigo é apresentado no mercado como algo “*in*”, original, logo jovial.

Voltando os olhos para o sociólogo alemão Karl Mannheim, vemos que o autor já percebera nos anos 1940 que transformações sociais tendem a privilegiar o comportamento das novas gerações:

“Condições estáticas levam a atitudes de fidelidade – a geração mais nova tende a adaptar-se à mais antiga, mesmo a ponto de fazer-se parecer mais velha. Com o fortalecimento da dinâmica social, entretanto, a geração mais antiga se torna cada vez mais receptiva às influências da mais nova”
(Mannheim, 1982, p.84)

Portanto, sugere que os fatores biológicos naturais característicos da velhice poderiam ser invalidados por forças sociais, e que os dados biológicos quase que podem ser transformados em seus opostos por essas forças sociais. Fazendo uma analogia entre classe e geração, dirá que do mesmo modo que as ideologias produzidas por uma vanguarda influenciam pessoas de classes sociais distintas, também certos impulsos particulares a uma geração podem atrair membros de grupos etários anteriores ou posteriores, se a tendência da época for favorável. A juventude pode, portanto, se transformar num traço cultural de uma época.

Nesse sentido, é possível recorrer a Groppo (2000), que faz uma sugestão interessante para a compreensão da juventude

contemporânea. O desenvolvimento de uma consciência etária homogênea teria, de fato, atingido seu ápice nos anos 1960/70, com todos os tipos de rebeldia juvenil e de aparições espetaculares (como já havia indicado também Helena Abramo). Ocorre que essa rebeldia não teria emergido sem uma contribuição significativa da imprensa e, posteriormente, de toda mídia. A emergência da juventude teria sido acompanhada por uma tentativa de controle institucional pelos “adultos” (como já citado, escolas, exército, juventudes nazi-fascistas, juventude comunista *etc*), uma vez que havia certo temor pela rebeldia e vadiagem juvenil. Por outro lado, houve paralelamente o florescimento de inúmeros grupos “autônomos”, que reivindicavam sua independência com relação à sociedade e aos “velhos”. Desse choque de perspectivas é que surgiria então algo que o autor classifica de *juvenilidade*, um estilo de vida identificado com o consumo e o bem-estar.

“(…) As instituições modernas de consumo absorveram e transformaram em seus os valores projetados – mas esvaziados de rebeldia e de real autonomia – pela ‘Juventude’ autônoma e pela ‘Cultura Juvenil Universal’. Realiza-se na atual sociedade (….) aquilo que Ariès apenas sugeria anos atrás, que todos querem prolongar a sua adolescência” (Groppo, *op. cit.*, p. 286, grifos do autor).

7 Conferir a entrevista com o escritor inglês Nick Hornby, na Revista da Folha, 9/07/2000, páginas 22-23. “Nossa cultura não quer mais adultos porque é mais fácil fazer dinheiro com jovens. Além disso, hoje não existe nenhuma razão para crescer se você não quiser. No passado, crescer estava associado ao trabalho, a ter filhos *etc*. (...) O que é ser adulto hoje, quando empregos, roupas, música e todas essas coisas são para todos, jovens ou velhos?”

Uma consequência não prevista no processo de emergência da consciência juvenil é que, tentando fugir das instituições criadas pela sociedade para controlá-los, os grupos juvenis acabariam eles próprios construindo outras instituições que terminariam por enclausurá-los, nesse particular a esfera do consumo (*idem*, p. 53). Um exemplo bastante útil é a relação dos jovens com as drogas legais e ilegais. Sem entrar aqui no mérito da discussão sobre os problemas que envolvem o consumo das drogas ilegais, é interessante notar como é muito elevado o consumo de cigarros e bebidas entre a juventude. Com a intenção de romper barreiras e delimitar seu espaço, os jovens elegeram alguns hábitos de consumo como sendo indicativos de sua “liberdade” ou de uma pretensa “virilidade” e “jovialidade”.

Pesquisa promovida pela Unifesp entre a população paulista acerca do uso de drogas psicotrópicas (*Pesquisa Fapesp*, número 52, páginas 14-21), demonstra como o uso do álcool causa dependência entre uma porcentagem considerada alta de jovens do sexo masculino entre os 18 e 24 anos (18,2%). Mais alarmante, (e talvez ainda mais significativo) é o consumo de moderadores de apetite nessa faixa etária, particularmente entre as mulheres: na faixa de 12 a 17 anos, 18% dos entrevistados, e em especial as meninas (27,3% do público feminino) apresentavam um Índice de Massa Corporal semelhante ao dos desnutridos, reflexo de uma “ditadura” da estética, tendo como referência a magreza, em geral associada aos jovens esbeltos.

Por outro lado, podemos suspeitar que as diversas manifestações juvenis, ao empreenderem uma crescente diferenciação da cultura e do *modus vivendi* da sociedade tida como “adulta”, estariam sendo envolvidas naquilo que Antônio Flávio Pierucci (1999) chamou de **cilada da diferença**, ou seja, a retroalimentação da postura conservadora por meio de

uma reivindicação considerada progressista, o direito à singularidade ou ao exotismo. Salvo os casos dos jovens de postura política conservadora ou assumidamente desinteressados por política, os grupos com intenções de interferir em seu meio social, ao insistirem numa diferenciação entre eles e os “adultos”, cairiam no inevitável isolamento ou desprezo dissimulado por parte destes últimos.

Algumas Conclusões

Compreender as implicações dessa construção histórica da Juventude Moderna na participação de jovens em instituições tradicionais, como sindicatos e partidos, pode nos levar a uma maior clareza sobre o pessimismo expressado pelo senso comum atual em relação à participação política da juventude. Ou seja, é possível que o elo de ligação entre as gerações, que fazia por exemplo jovens operários se formarem no chão da fábrica (e eventualmente na luta sindical), estabelecendo assim um reconhecimento mútuo, tenha se rompido, dificultando assim a ação política tradicional junto às novas gerações operárias. Nunca é demais lembrar que exatamente uma década depois dos acontecimentos de 1968 jovens operários organizaram grandes jornadas grevistas no ABC Paulista e protagonizaram a vanguarda da redemocratização do país; isso sem cartilhas comunistas nem aulas de ciência política, mas a partir de sua condição social e traços de identidade de classe, de migrantes e também de jovens.

Na verdade, podemos inclusive problematizar aquilo que já virou ponto pacífico entre estudiosos do tema, qual seja,

a inaptidão das instituições políticas em atrair os jovens⁸. O que observaríamos é a acentuação gritante do individualismo em todos os estratos sociais, que ironicamente utiliza a visão estereotipada da juventude para prometer um mundo mais significativo, mais provido de sentido, por meio do consumo e do prazer. Desse modo, os jovens do presente estariam condenados a seguir o modelo de juventude criado pela sociedade de consumo na segunda metade do século passado – eternamente jovial, consumidor e hedonista. E os valores incrustados nesse tipo ideal não favorecem lutas coletivas de nenhum tipo, consideradas “ultrapassadas e anacrônicas”. O reconhecimento da pluralidade de identidades e recortes sociais, típicas da modernidade capitalista e que foi elevada à enésima potência com a mundialização do capital das últimas décadas, não pode nos levar a abdicar de uma análise que procure levar em conta a totalidade do fenômeno social sob a lógica de reprodução capitalista, pois como dizia Marx nas primeiras linhas de *O Capital*, “a sociedade capitalista se constitui em uma grande exposição de mercadorias”, e hoje o tipo ideal de jovem é também uma mercadoria que aprisiona as mais diversas juventudes nos quatro cantos do planeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis (Punks e Darks no espetáculo urbano)*. São Paulo, Scritta, 1994.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Editora Vozes, 1997, 16a edição.

⁸ Ainda que possamos também admitir essa questão dos limites organizativos de partidos e sindicatos na atualidade, como tive oportunidade de discutir em Santos, 2001.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude – Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro, Difel, 2000.

HOBSBAWN, Eric. *A Era dos Extremos. O Breve Século XX: 1914/1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

LÊNIN, V. I. *Acerca de la Juventud*, Moscou, Editorial Progreso, 1976.

MANNHEIM, Karl. “O problema sociológico das gerações”, *Mannheim – Grandes cientistas sociais*, Marialice Foracchi (org.), São Paulo, Editora Ática, 1982.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. *Era uma vez em São Bernardo*. Campinas, São Paulo, Editora da Unicamp: Centro de Memória Unicamp, 1999.

PASSERINI, Luisa. “A juventude, metáfora de mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950”, G. Levi e J. Schmitt (orgs.), *História dos Jovens 2 - A Época Contemporânea*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

PERROT, Michelle. *Jeunesse de la Grève. France: 1871-1890*. Paris, Éditions du Seuil, 1984.

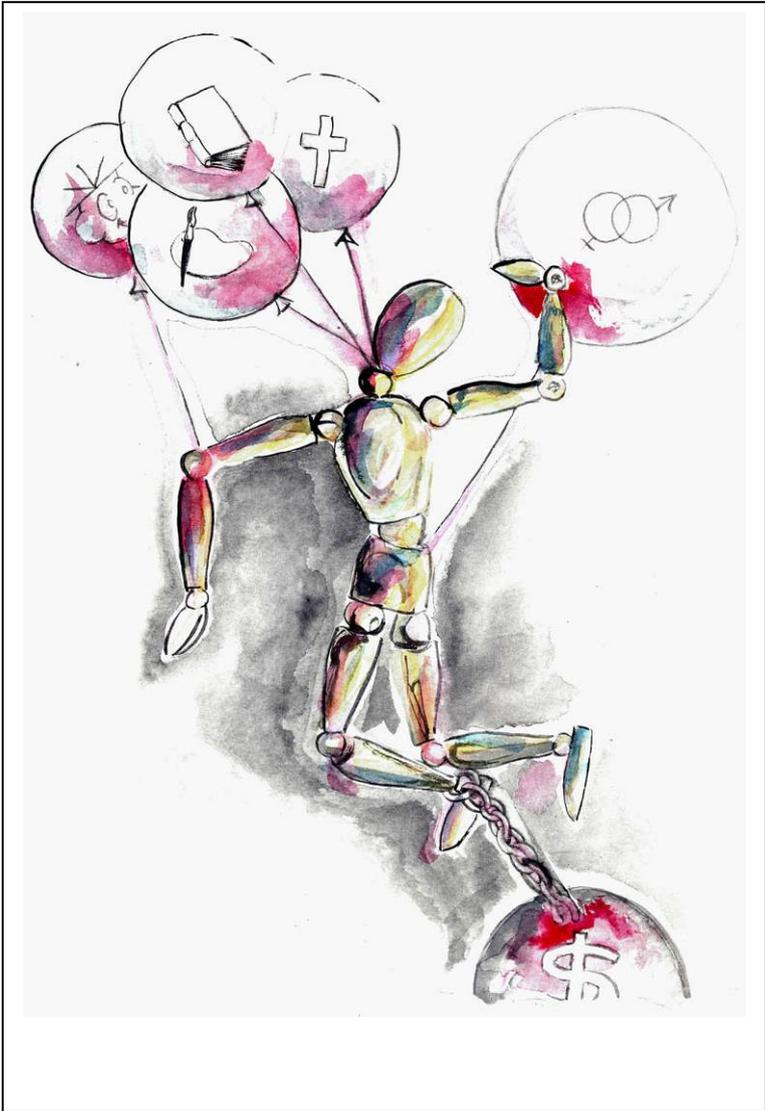
----- “A juventude operária. Da oficina à fábrica”, G. Levi e J. Schmitt (orgs.), *História dos Jovens 2 - A Época Contemporânea*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da Diferença*, Curso de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo: Editora 34, 1999.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a Questão Religiosa*. São Paulo, Edições Paulinas, 1984.

SANTOS, Agnaldo dos. *Debutantes e Outsiders – Juventude Metalúrgica e Sindicato no ABC Paulista*. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

Esferas



Os Velhos em 1968

Lincoln Secco

(Professor do Departamento de História da USP)

“Recentemente, o sr. Cohn-Bendit disse-me, durante uma discussão numa associação profissional, que eu só teria o direito de procurar a polícia se alguém quisesse espancar-me a pauladas; respondi que então talvez fosse tarde demais” (Adorno, Carta a Marcuse, Frankfurt am Main, 5 de maio de 1969).

“Por outro lado, acredito e repito que, em determinadas situações, a ocupação de prédios e a interrupção de aulas são atos legítimos de protesto político” (carta de Marcuse a Adorno, Londres, 4 de junho de 1969)¹.

Certa vez Fernand Braudel disse ao medievalista Le Goff: “Eu, Jacques, quando estou numa reunião, quem a preside sou eu”. Ao voltar dos Estados Unidos em plena tormenta de maio de 1968, encontrou o Collège de France em plena assembléia e naquele dia estava fora de questão deixá-lo presidir qualquer coisa. Ele se sentou na platéia e ficou ao lado de Raymon

¹ In: <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno16.htm>. Tradução de Isabel Maria Loureiro.

Aron², provavelmente ambos com muito mau humor. Naqueles dias radicais, Braudel parou diante de um cartaz que representava um Cristo com um pênis gigante. Uma estudante lhe perguntou: “Chocado, professor?”. E ele respondeu: “Não. Isso é apenas o sonho de uma garotinha”. Decerto, ele não viu com bons olhos os “excessos” de 1968. O que aquele maio revolucionário trouxe de mais audaz foi um passo a mais na igualdade de gênero. Braudel gostava de ver as estruturas serem sacudidas, mas duvidava que elas mudassem rapidamente. Mais tarde, numa entrevista à televisão, ele disse que não era contra o fato de que as jovens corajosamente quisessem a liberdade, mas sim que apesar disso continuassem infelizes. É que para ser feliz (em termos culturais) é preciso portar máscaras³.

As revoluções derrubam as máscaras provisoriamente. Depois, outras se impõem ou as mesmas são restabelecidas. Os bolcheviques tomam o poder e Lenin pode proclamar que até a cozinheira cuidará dos negócios do Estado. Mas na primeira reunião do novo governo, alguém terá que servir o café. No filme *Les Amants Réguliers* de Philippe Garrel há uma seqüência em que um jovem, depois de uma madrugada de barricadas e fugas, chega em casa cansado e sujo. Deita-se no sofá e adormece enquanto sua velha mãe lhe retira as botinas para limpá-las. A câmera se detém longamente nas botas...

Mas se a insurreição do cotidiano sempre modera as revoluções políticas, isso só ocorre no dia seguinte. Na noite das tormentas, tudo parece de cabeça para baixo. Antes que o professor retorne à posição superior da sala de aula e o padre ao púlpito, a polícia retome suas funções e algum poder se

2 Le Goff, J. (1998) *Uma Vida para a História*. São Paulo: Editora Unesp, p. 161.

3 Daix, Pierre (1999). *Fernand Braudel: uma biografia*. Rio de Janeiro: Editora Record.

estabeleça, os burgueses temem pelo último dos privilégios que sobrou de nossa era moderna: a propriedade⁴.

Acontece que nunca mais o professor retomou integralmente a posição incontestada de outrora e os padres... Bem, os padres perderam o rebanho. Só a propriedade persistiu no topo, incontestável. Esta foi a revolução de 1968: como muitas outras, abalou algumas estruturas, menos a propriedade dos meios de produção. Afinal, como disse outro “adversário” de 1968, “chocar o burguês é muito mais fácil que derrubá-lo”⁵.

Eric Hobsbawm argumentou que o real significado daquele movimento estava menos nas ocupações estudantis e nas suas ideologias do que no uso do *blue jeans* (especialmente no uso de calças compridas pelas mulheres)⁶. Mas como ele disse nunca ter usado calça jeans e não gostar de adultos que desejam ser adolescentes para sempre, permaneceu fora dos anos sessenta⁷.

Quando escreveu isso, ele tinha em mente um cotejo com sua própria geração. Os jovens dos anos sessenta apanharam os velhos esquerdistas de surpresa. Eles tinham sido resistentes na Guerra, passaram pela penúria e pela violência dos campos de concentração e viram a União Soviética ao menos como país fundamental no campo da luta anti-fascista. Nos sessenta, o problema não era de penúria, mas de superabundância de uma sociedade consumista; a União Soviética era vista como parte integrante do jogo de equilíbrio da Guerra Fria; e a Segunda Guerra estava a um geração de distância.

4 Tocqueville, A. (1991). *Lembranças de 1848*. Tradução: M. Florenzano; Introdução: R. Janine Ribeiro; prefácio: F. Braudel. São Paulo: Companhia das Letras, p. 41.

5 Hobsbawm, E (1994). *Revolutionaires*, London, Phoenix, p. 219.

6 Aliás, o consumo em geral “era o elemento de coesão etária”. Cf. Santos, Agnaldo (2009). A construção histórica da juventude e a ascensão da “juvenildade”. *Mouro*, N. 1. S. Paulo: NEC.

7 Hobsbawm, E. (2002). *Interesting Times*. London: Penguin Books, pp. 261-2.

Por fim, para Hobsbawm (cuja militância iniciara-se em Berlim em 1933, a sua juventude era diferente em quatro maneiras de um *soixante huitard*:

1. Em Berlim não era uma minoria de dissidentes que questionava o sistema, mas uma maioria;
2. Diferentemente dos estudantes de 1968, os jovens alemães eram não só contestadores, mas estavam (à direita ou à esquerda) engajados numa luta essencialmente revolucionária para a conquista do poder;
3. Poucos jovens da ultra-esquerda alemã eram intelectuais. Mais de 90% não tinham sequer escola secundária;
4. Os intelectuais comunistas e os militantes de um modo geral não eram dissidentes culturais. A maior divisão não foi como na era do rock, entre gerações, mas um conflito político entre os que acreditavam e os que rejeitavam a Revolução Russa. Em Berlim, os jovens comunistas partilhavam da mesma cultura de Weimar de seus pais social-democratas ou liberais⁸.

A ruptura geracional foi a que mais confundiu os velhos professores. Muitos deles se consideravam revolucionários, mas não o suficiente para uma crítica aberta a posições estabelecidas nos meios acadêmicos. Tomemos o caso de um historiador conservador: Pierre Chaunu, na Universidade de Caen. Num anfiteatro lotado, alguns alunos de sociologia pedem a palavra. Chaunu lhes dá a palavra desde que sejam rápidos. Os alunos informam sobre confrontos de estudantes com a polícia na Sorbonne. Chaunu replica: “Sua informação é unilateral, vocês estão na presença de historiadores. Permitam-me apresentar uma outra fonte”. Ele diz que entre os pseudo-intelectuais e os policiais, ele não quer escolher, mas se for

8 Id. Ibid., p. 70.

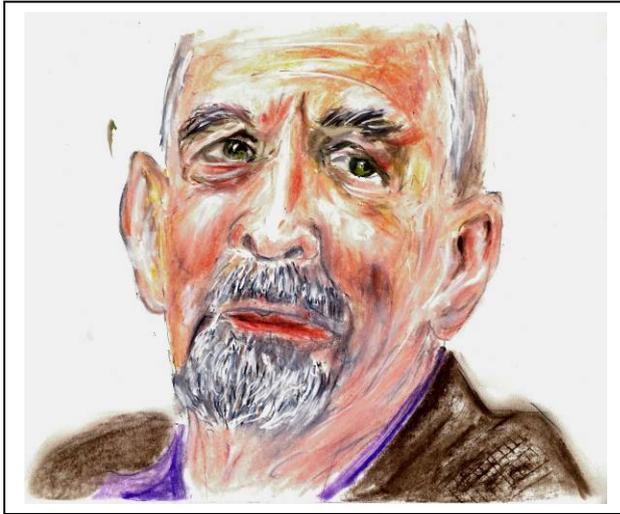
forçado, escolherá os policiais, filhos de camponeses como ele⁹.

Nota-se como, embora conservador, ele apelava para uma base de classe a fim de se legitimar perante os novos revolucionários. É que as revoluções costumam criar um novo campo semântico mais apreciado pela opinião pública. Assim, era possível, em 1848, ouvirmos (segundo Tocqueville) burgueses se jactarem de suas origens humildes temendo os excessos dos que erguiam barricadas em Paris.

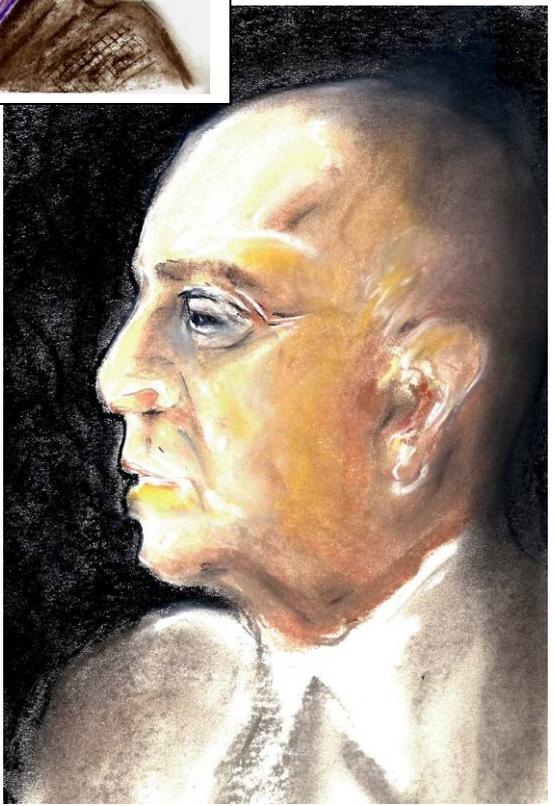
Uma outra possibilidade era apelar para a necessidade de não se cortar raízes com a cultura estabelecida, de não revolucionar a forma de transmissão dos conteúdos. Não era chocante ouvir teses típicas do comunismo de esquerda do primeiro quartel do século XX ou mesmo reviver ideais anarquistas, mas sim vê-las travestidas de atos escandalosos que envolviam uma nova concepção de amor livre, de comunicação direta e sem rodeios e de desrespeito a toda autoridade (mesmo de esquerda).

Em Estocolmo, Ingmar Bergman, então diretor do Teatro daquela cidade, percebeu isso e também as conseqüências daquela revolução. Declarou que dificilmente um historiador futuro conseguirá ver o suposto mal feito por 1968 à cultura e à educação até então existentes porque os revolucionários frustrados agarraram-se às redações de jornais e às editoras e passaram a falar amarguradamente da revolução interrompida.

9 Chaunu, P. e Dosse, F (1994). *L'instant Éclaté*. Paris, Aubier, p. 93.



Ingmar Bergman



Adorno

É curioso que Bergman tivesse percebido que a revolução de 1968 não demonstrava paciência de apreender as formas do passado. Quando ele disse aos jovens atores que eles deveriam antes aprender seu ofício se quisessem que suas mensagens revolucionárias fossem ouvidas, eles agitaram-lhe na cara o livrinho vermelho de Mao Tsetung e o expulsaram do teatro. A consequência foi, para Bergman, a tomada dos aparatos culturais pela nova geração. Donos dos *mass media*, eles deixaram os velhos num cruel isolamento. Todavia, sua revolução cultural seguiu o padrão habitual das revoluções políticas, só que incrivelmente mais rápido:

“O padrão não mudou: as idéias se tornaram institucionalizadas e corrompidas. Às vezes acontece rapidamente, às vezes leva centenas de anos. Em 1968 aconteceu com uma rapidez furiosa e o dano feito num curto período foi ao mesmo tempo assombroso e difícil de se reparar”¹⁰.

O legado de Maio de 1968 não pode ser entendido sem o concurso das idéias de sua oposição, ou seja, sem percebermos no seu contrário alguns aspectos imprescindíveis para analisarmos seus efeitos. Os “velhos”, nem sempre conservadores em política, tiveram um pouco a nos dizer sobre aquilo tudo. Não partilharam da Revolução Cultural e se mantiveram presos a um modelo de revolução política e econômica que não mais nos contenta nos dias de hoje. Se a Revolução Russa, ao menos nos primeiros anos, para eles libertou o operário e o camponês (não entremos num outro debate sobre a realidade desta afirmação), uma nova revolução deveria liberar também a mulher e as diferentes etnias, por exemplo.

Todavia, também é certo que se 1917 não passou da política e da “economia” para os costumes (senão em efêmeros e

10 Bergman, I. (1988). *The Magic Lantern*. London: Penguin, p. 199.

localizados experimentos de uma vanguarda artística logo devorada pelo stalinismo), 1968 também não transitou da cultura para a política senão na forma habitual “denunciada” acima por Ingmar Bergman. É por isso que 1968, incorporado pela lógica do capital, conseguiu destruir silenciosa e paulatinamente muitas hierarquias e rituais, fazendo os homens e mulheres de todas as idades aparecerem sem diferenças, meras máscaras de consumidores, quando tudo o que se queria era o contrário disso (mas afinal, por suas antinomias internas é possível que um movimento produza exatamente o seu oposto, como sustentaria Adorno).

Os próprios jovens daquela época, ao conquistarem os *mass media*, conquistaram hegemonia cultural. Acontece que essa hegemonia perdurou além de seu momento e, atualmente, todos nós temos a obrigação de sermos jovens (e felizes?). Partilhamos (pais e filhos) a mesma música, a mesma roupa, as mesmas drogas. É provável que tivesse sido assim antes. Só que a direção dos velhos sobre os jovens era identificada como era: coisas velhas que teimavam em persistir. Assim, os jovens sempre tinham motivos para se revoltar. Hoje, os ideais de 1968 disfarçam sua preeminência com uma vestimenta eternamente juvenil. Assim, impedem as novas gerações de uma autêntica revolta (que seja sua e somente sua). Elas não podem mais romper tabus, pois os jovens de 1968 aparentemente já romperam todos. Talvez, se olharmos para os velhos de 1968, possamos descobrir algum motivo para superarmos no melhor sentido da palavra, aquele ano.

Afinal, deveria causar incômodo que, numa sala de aula, as máscaras daquele que manda e daquele que obedece tenham sido muitas vezes retiradas, mas não na fábrica.



Geração 69

Mau

Entrevistado: Mau, vocalista da banda de punk rock Garotos Podres

Entrevistadores: Agnaldo dos Santos, Lincoln Secco e Ciro Seiji

Trata-se de uma entrevista com o Mau¹, vocalista da banda punk dos anos 80 Garotos Podres, que também é historiador. Ele fala de cultura e músicas jovens, em particular punk e skinhead, diferenciando as diversas tendências (dos comunistas aos neonazistas). Faz uma crítica ao movimento 68, além de outras coisas sobre política internacional. Ele foi entrevistado por Lincoln Secco (historiador da USP), Ciro Seiji (tecnólogo) e Agnaldo dos Santos (sociólogo).

Nossa conversa se iniciou com um questionamento ao Mau sobre como a cultura punk e skinhead compreendia as rebeliões juvenis dos anos 1960, em particular o chamado “Maio de 68”.

¹ José Rodrigues Mão Junior

Para Mau, os movimentos estudantis de 1968, principalmente o de Paris e o da Califórnia, foram movimentos com recorte eminentemente pequeno-burguês, de jovens de classe média que não representavam o conjunto dos jovens trabalhadores da época, daí a indiferença de boa parte desses jovens àquele movimento.

Entrevistador – Você não está reduzindo maio de 68 só à França? Porque Maio de 68 é um movimento que atinge países muito diferentes como Tchecoslováquia, México – ele foi violentíssimo – até Estados Unidos e Brasil, em São Paulo, principalmente. E até a Inglaterra, ainda que de uma maneira muito diferente. Itália, por exemplo.

Mau – Não sei até que ponto fez parte de um movimento geral ou se são apenas movimentos concomitantes. Não sei se eles obedecem à mesma lógica. Por exemplo, a Tchecoslováquia é um movimento totalmente distinto. Na minha opinião, é um movimento contra-revolucionário, felizmente vencido pelas forças democráticas que foram representadas pela União Soviética. Nos Estados Unidos é um outro contexto diferente. Lá você tem o contexto da Guerra do Vietnã e o movimento flower power que está muito ligado não só à resistência contra a Guerra do Vietnã, mas, principalmente, porque esse estudante universitário pequeno-burguês corria o risco de ser recrutado e mandado para o Vietnã porque até naquela guerra existia alistamento militar obrigatório. Essa mesma pequena-burguesia universitária não fala uma palavra hoje em relação aos que estão morrendo no Iraque e no Afeganistão, porque não há mais alistamento militar obrigatório. Então, quem está morrendo no Afeganistão e no Iraque são pobres, muitos deles nem americanos são, nem estadunidenses são. Mas na época, corria o risco de um jovem pequeno-burguês ser enviado para o Vietnã. Então, em grande medida, 68 nos Estados Unidos está muito vinculado a essa questão da resistência contra o serviço militar. Não tenho a menor dúvida que eles estavam pouco

preocupados, a grande maioria estava pouco preocupada com os milhões de vietnamitas que estavam sendo imolados sob os bombardeios dos Estados Unidos. Eles estavam preocupados em não ter que ir para o meio do mato morrer. Também houve no México, o massacre do Tlatelolco, aí uma outra questão que eu conheço, confesso que conheço muito pouco. Talvez o único movimento importante que ocorria em 1968, aliás, um pouco anterior a 68, era a grande Revolução Cultural Proletária na China. Esse sim, um movimento democrático, progressista e que servia de modelo e inspiração aos democratas do mundo inteiro. Agora, os demais eram movimentos pequeno-burgueses ou contra-revolucionários, com exceção do México, confesso que eu conheço pouco e, tirando a Grande Revolução Cultural Proletária na China, o resto são movimentos que eu creio ser sem grande importância. Tanto é que aqui no Ocidente, no Brasil, na universidade, se discutiu muito durante esse ano, os 40 anos de maio de 68 em Paris, e pouco se falou de um movimento realmente importante que é a Grande Revolução Cultural Proletária que, embora o início seja um pouco anterior, 68 é o ano auge do movimento.

Entrevistador 1 – Muito pelo contrário, a imprensa agora com as Olimpíadas de Beijing, fizeram questão de, em toda a oportunidade, falar exatamente que a Revolução Cultural era uma página macabra da história da China, enfim. Mas a gente sabe muito bem qual que é o interesse desse tipo de comentário. Mas eu queria aproveitar, Mau, e te perguntar outra coisa, já que até agora você estava focando um pouco a tua fala nesse perfil específico do jovem que participou de 68, mas ele não era o único tipo de jovem que existia, é claro. Eles eram, inclusive, uma minoria da sociedade. Então, eu queria que você começasse a falar, um pouquinho aqui para nós, sobre as várias culturas juvenis que existiam na Europa, particularmente na Inglaterra, mas na Europa de um modo geral e que inseridas nessa cultura vinculada ao rock, vinculada

às músicas que haviam surgido já lá nos anos 50, o rock foi um divisor de águas na cultura do século XX, não é? Só que aquilo lá a gente sabe que é um tronco do qual saiu tudo quanto é tipo de ramo. Então, eu queria que você falasse um pouquinho sobre essa cultura juvenil ligada àquilo que ficou convencionado como rock a partir dos anos 50 e, particularmente, na Inglaterra. Quais eram os grupos que existiam nessa época?

Entrevistador 2 – Só complementando, uma vez a gente estava conversando com um colega nosso, e ele disse que o rock era uma invenção norte-americana e eu lembro que você corrigiu um pouco essa informação.

Mau – Bem, em termos musicais eu acho que fica difícil a gente falar de uma origem do rock'n roll como algo estadunidense ou não. Na verdade, as informações musicais circulam de uma maneira muito mais intensa do que a gente pode imaginar. E no caso da Europa, é possível você estabelecer uma linha de origem que vem tanto dos Estados Unidos quanto raízes próprias da Inglaterra e do Caribe. Digamos assim, se o blues teve uma influência muito grande para o rock'n roll nos Estados Unidos, os ritmos caribenhos, principalmente jamaicanos, como dub, rocksteady ska, reggae tiveram uma influência muito grande não só na Inglaterra, mas na Holanda e outros países que têm o seu pé no Caribe. No caso específico da Inglaterra, você tem uma série de movimentos juvenis anteriores inclusive ao próprio rock'n roll, como os mods. E a Inglaterra tem uma característica muito interessante que é uma presença musical muito forte da Jamaica. Então, você tem movimentos juvenis ligados a essa musicalidade jamaicana como os rude boys. Por exemplo, Bob Marley, quando era jovem, era rude boy, usava terninho, chapéu pork pie, não sei o quê. E essa cultura que inicialmente estava no gueto, a partir de 69, vem à tona principalmente com um músico de reggae, Desmond Dekker, que conseguiu chegar nas paradas de sucesso com uma música, Israelites. E é bem

interessante que dá para perceber bem esse contexto de gueto. O grande parceiro de composição do Desmond Dekker era Leslie Kong, que é chinês, quer dizer, jamaicano de origem chinesa, que tinha uma sorveteria em Londres e o escritório da gravadora ficava, eu não sei se era nos fundos ou na sobreloja da sorveteria. E os caras lançaram um compacto, esse compacto Israelites ficava entre os 10 mais tocados, eu acho que chegou em primeiro lugar nas paradas na Inglaterra, top 10 na Inglaterra. Então, isso daí deu luz a uma cultura de gueto que estava totalmente fora não só da mídia, mas fora daquilo que havia acontecido no ano anterior. Enquanto no ano anterior a pequena-burguesia sai às ruas para protestar pelo direito de dormir no dormitório das estudantes, das alunas.



Desmond Dekker

Entrevistador – Foi a origem do movimento de 68.

Mau – É, foi a origem do movimento de 68, essas camadas mais proletarizadas dos bairros estava à margem disso. E começam a tomar voz a partir de 69 principalmente com Desmond Dekker. Então, você tem uma série de tribos urbanas. Por exemplo, os rude boys, que eram ligados diretamente aos jamaicanos, os mods, que vem de moderns, o pessoal que andava de lambreta. Tem uma facção mais radical dos mods que era os hard mods, o pessoal já mais da periferia, que a lambreta não era tão bonitinha assim. E os rockers, os grisers, que têm uma multiplicação de estilos e tribos urbanas que não estavam inseridos na universidade porque eram filhos de trabalhadores tão pobres que não tinham acesso à universidade e que viam com um certo desprezo esses movimentos dos filhinhos de papai que pegavam de vez em quando a moto, punham o pé na estrada para depois de dois ou três anos retornar ao curso de administração de empresas e administrar os negócios do papai e continuar oprimindo a classe operária.

Entrevistador 1 – Daí é que vem o seu preconceito contra o pessoal da City?

Mau – Não, não.

Entrevistador 2 – Me explica sobre essa história da City aí.

Mau – Não, não, isso daí era... Isso daí era bobeira, né? Antigamente o pessoal...

Entrevistador 1 – Mas vem da Inglaterra essa...

Mau – Não, não, não. Isso daí era...

Entrevistador 2 – Bom, deixe-me fazer uma pergunta. Só para dar uma certa ênfase a essa afirmação. Você está dizendo que Desmond Dekker e todo esse movimento cultural, que era miscelânea nesse período, têm uma origem de música jamaicana, portanto, negra, e isso tudo vem, até os dias de hoje,

nessa afirmação e nessa relação que se faz, principalmente pela mídia, de que o som skinhead ou world music estão relacionados ao nazifascismo, quando, na verdade, a sua própria origem vem de uma produção de música negra.

Mau – Bem, a imprensa burguesa é extremamente preconceituosa, não vou falar nem sensacionalista porque isso é óbvio, quando diz respeito a movimentos cujos integrantes não são elementos da fina flor da pequena burguesia. No caso é interessante que os primeiros skinheads eram compostos principalmente pela molecadinha branca que era vizinha dos jamaicanos e que começa a gostar do som dos caras. Não só gostar do som dos caras, como até a copiar o visual mais ou menos. Alguns até copiavam literalmente o visual dos rude boys. Os primeiros skins, em 69, curtiam basicamente reggae, ska, rocksteady e, mais tarde, soul. Quer dizer, em outras palavras, a música negra. Esse estereótipo do skin de neonazista surgiu em 1980 ou 81, agora me falha a memória, na época do lançamento de uma coletânea, Stand Oi, organizada pela Revista Sound e foi organizado um show de lançamento num teatro que, coincidentemente, ficava no bairro paquistanês. Naquela época, estava tendo uns conflitos raciais seríssimos na Inglaterra, principalmente entre a comunidade paquistanesa. Bem, naquela noite, quando estava tendo o lançamento, um pessoalzinho skin vai lá no teatro para assistir ao show das bandas que compunham a coletânea. De repente, a molecada paquistanesa começa a ver um monte de moleque branco, vestido de maneira esquisita, ficaram com medo, pensaram: “não, vão bater na gente!”. Daí essa molecada paquistanesa cercou o teatro, teve um quebra-pau e o teatro acabou sendo incendiado. Nós até poderíamos dizer que a molecada skin foi vítima porque quem apanhou foram eles, né? Como é que saiu na imprensa no dia seguinte (risos)? E tenham em mente que a imprensa britânica é pior do que a brasileira em termos de sensacionalismo.

Entrevistador – A idéia de tablóide vem de lá, né?

Mau – Saiu como os skins, “grupos neonazistas”, que foram no bairro paquistanês bater nos caras... Quando na verdade, aconteceu o contrário, a molecada paquistanesa viu um monte de moleque branco esquisito, ficou com medo, foi para cima e os skins apanharam. E a partir daí a mídia britânica fabricou o “mito do skin neonazista” etc e tal. O que é um total contra-senso, afinal de contas a origem dos skins está justamente na identificação com a música jamaicana. E o grande perigo é que a mídia é capaz de criar movimentos. Como diria Goebbels, uma mentira contada milhares de vezes se torna verdade. Eu poderia dar um outro exemplo, aqui no Brasil existia o movimento dark.

Entrevistador – Só aqui?

Mau – Só aqui. Quem inventou isso daí foi o Pepe Escobar, que era um crítico de música, que não sabendo como encaixar nos diferentes rótulos toda aquela musicalidade do pós-punk, ele inventou o rótulo dark. E a partir daí começou a surgir pessoas se rotulando como dark. Quando uma dessas bandas rotuladas como dark veio ao Brasil, um outro jornalista perguntou: “o que é que o senhor acha do movimento dark?”. E o cara: “Dark? Movimento dark, o que é que é isso?” Quer dizer, aqui no Brasil um crítico musical na imprensa rotulou o movimento que passou a ter seguidores. Isso é que é o mais engraçado. O grande problema é que na Inglaterra isso ocorreu também. Primeiro a mídia criou o estereótipo do skin neonazista, isso atraiu a atenção de quem? Dos partidos de direita na Inglaterra.

Entrevistador – Ah, era isso que eu ia perguntar.

Mau – Que começaram a tentar cooptar. Então, na Inglaterra, nos anos 80, realmente surgiu e existiu um movimento skin de direita e... não era...

Entrevistador – Era o National Front?

Mau – Não, não, National Front, não, não. Front International na França e um pessoal do National Front, em matéria de coisas mais à direita ainda, tipo BNP, British National Party, tem um pessoal mais à direita ainda. Mas, por incrível que pareça, apesar de todo o estardalhaço da mídia, esses grupos de direita de skins sempre foram minoritários. E o que é mais interessante, para se contrapor ao surgimento desses grupos de direita, você tem o surgimento de, por exemplo, dos redskins. Quer dizer, skins comunistas, do Sharp, que não tem necessariamente uma conotação política, mas são militantemente contra o racismo e etc.

Entrevistador – SHARP significa?

Mau – Skinheads Against Racial Prejudice, skins contra o preconceito racial. Então, é muito interessante que a maioria dos skins eram anti-racistas, anti-nazistas e a imprensa, durante muito tempo, vinculou o contrário. E muita gente muitas vezes não entendia, tinha, sei lá, show dos RedSkins, uma banda. Porque chegou a existir uma banda chamada RedSkins. De repente tinha skin de direita querendo bater nos caras, skin de direita querendo defender os caras. E como a mídia explica isso? É muito mais fácil criar o rótulo e encaixar tudo, assim como o Pepe Escobar criou rótulo único para explicar tudo que era o dark. Então, é isso aí.

Entrevistador – Você diria que a maioria dos skins era de pessoas que gostavam só de futebol, terno curto, o defunto era menor (risos) e curtiam a música, mas não tinham nenhuma conotação política?

Mau – Existia várias correntes e essas correntes variavam muito conforme a época.

Entrevistador – Futebol era importante?

Mau – É porque você tem um outro movimento que tem influência entre os skins que é os Boot Boys.

Entrevistador – Boot Boys?

Mau – Podemos traduzir como os ”botinudos”. Que era essencialmente um movimento ligado ao futebol, algo pré-hooligan, digamos assim, da molecada que ia para assistir jogo e muitas vezes fazia besteira, arrumar briga etc e tal. E até o uso de bota com um tipo de biqueira de aço que depois foi proibido no estádio.

Entrevistador – Coturnos?

Mau – Porque a bota era usada como arma na briga. Isso tem influência nos skins, mas quando a gente fala em briga, na Inglaterra, é muito diferente da idéia que temos aqui no Brasil. Hoje em dia aqui no Brasil, qualquer criança de oito anos de idade anda armada com uma AK47, como você vê no Rio de Janeiro. Ao invés de um bebê ganhar um ursinho de pelúcia, ganha uma AK47 para dormir no berço. Logicamente, na Inglaterra quando tinha briga era soco, saía alguém de olho roxo, mas não era massacre como ocorre, infelizmente, no Brasil. Mas você tem influência em vários movimentos onde a origem é skin e mesmo dentro de várias correntes. Você tem o The Soul e The Heads, o pessoal curtia, basicamente, soul. Phil Tony, o pessoal que curtia Ska, “dois tons”, negros e brancos tocando e se divertindo junto. Então, tem várias correntes.

Entrevistador 1 – E a relação com os hippies? Os skins não batiam nos hippies?

Entrevistador 2 – Deixe-me fazer só mais um comentário. A questão das drogas. Por que quando a gente fala em 68 tem muito essa relação com a questão da liberação por meio das drogas. Eu me lembro, por exemplo, que isso sempre foi um problema. Por exemplo, na década de 80, quando havia comícios aqui na Praça da Sé, a gente via os operários de um

lado e também o movimento estudantil que tinha exatamente esse perfil que, na verdade, foi importado do cabeludo que defendia a liberação das drogas.

Entrevistador 3 – E muitas vezes eu via os operários expulsando esse pessoal que fazia a apologia da liberação das drogas. Afinal de contas, esses operários na Praça da Sé eram nazistas? Eram fascistas porque eram contra esses ideais de liberdade?

Mau – Bem, é muito interessante que esse movimento pós-68 está muito ligado à questão das drogas. E você tem aquelas coisas tipo Timothy Leary, o cara que fazia experiências com o LSD e achava que o LSD podia expandir a consciência. E depois, mais tarde, ele percebeu que não era bem assim. Então, muitas drogas eram novidade na época. Mas de uma coisa nós podemos ter certeza, de uma maneira geral, as drogas sempre estiveram relacionadas à contra-revolução e não à revolução. Posso dar exemplo. A tentativa de invasão de Cuba pela Brigada 2506, que era uma unidade formada por contra-revolucionários cubanos organizada pelos Estados Unidos, foi financiada pelo tráfico de drogas porque o dinheiro para a operação não podia sair do cofre das verbas públicas dos Estados Unidos. Daí a CIA montou um esquema de tráfico de drogas com o Triângulo de Ouro, o Laos, Camboja etc. para traficar heroína. Boa parte dessa heroína foi introduzida nos bairros negros nos Estados Unidos, principalmente onde havia base social dos Panteras Negras e com o dinheiro da heroína foi financiada essa operação militar. Curiosamente, um dos recrutadores para essa operação militar, um jovem agente da CIA que participou para recrutar esse agentes, se chamava George Bush, futuro presidente dos Estados Unidos e pai do atual presidente. Ou seja, o vínculo entre a família Bush, o crime organizado e o tráfico de drogas e a máfia anti-cubana em Miami é bem antigo. Tanto é que foi em Miami, onde o irmão do Bush era governador, que se decidiu as eleições do “Baby Bush”, do George Walker Bush. Então, as eleições

foram decididas pela máfia. Aliás, a relação entre o poder e o crime organizado nos Estados Unidos é patente. Qual é a origem da fortuna da família Kennedy? O pai do presidente Kennedy fez fortuna contrabandeando bebida alcoólica durante a Lei Seca para a máfia irlandesa. E no próprio assassinato do Kennedy há, em grande medida, um acerto de contas dessa relação entre órgãos de segurança dos Estados Unidos, particularmente, CIA e FBI e a máfia. Uma outra curiosidade, lembram do escândalo “Irã–Contras”? O que se ventilou foi contrabando de armas para o Irã. Mas não foi armas, foi também a introdução do crack no bairro, novamente no bairro negro, nos bairros negros dos Estados Unidos, feita pela CIA para arrecadar fundos para a contra-revolução que atuava contra o regime sandinista. Um dos “capos” ligados a esse tráfico de drogas que financiava a contra-revolução foi, inclusive, olha que interessante, responsável pela política dos Estados Unidos na América Latina do George W. Bush, que é o Otto Reich, que é um cara ligado à máfia anti-cubana. Então, curiosamente, as drogas sempre estiveram relacionadas à contra-revolução. E até desconfio que, talvez, essa introdução de uma certa apologia às drogas que existia, como essa geração pequeno-burguesa de 68, talvez em grande parte, era uma estratégia dos próprios órgãos de segurança e de controle social, tipo CIA e FBI, que estava minando e destruindo esses movimentos. No caso aqui do Brasil, acontece o seguinte, você tem um setor da esquerda que parte dele rompeu com o marxismo-leninismo nos anos 30 e parte desse movimento, não todo, lógico, foi recrutado pela Gestapo. Quando terminou a 2ª Guerra Mundial esse setor perdeu o emprego e foi trabalhar para a CIA (risos). É lógico, eu estou brincando, mas eu não sei até que ponto é brincadeira e até que ponto eu estou falando sério, mas essa tradição do setor contra-revolucionário que gosta de se pintar de vermelho é contra-revolucionário, é o setor que, por exemplo, defende as drogas como algo revolucionário etc e tal até hoje. Libertador? Sim. A CIA

aplaude. Está conseguindo consumidores e disseminando o vício entre a classe operária, entre o movimento de esquerda, quer dizer, é um agente da CIA voluntário ou involuntário.

Entrevistador – Quando é que o punk surge no Brasil? E isso tem alguma relação com o renascimento, vamos dizer, da classe operária, o novo sindicalismo, as greves do ABC ou não tem nenhuma relação?

Mau – Eu acho que tem uma relação, são contextos diferentes. Mesmo 68, na França, tem um contexto diferente no Brasil. O Brasil vivia uma ditadura. E 68 não é marcado pela ascensão do movimento estudantil. Isso é uma face da moeda. O ano de 68 é marcado pelo AI-5. Então, não há motivo algum para alguém ter saudades de 68 no Brasil. Da mesma forma, vamos supor, a Europa, a Inglaterra, no final dos anos 70, vivia um momento diferente do brasileiro, isso é óbvio. A Inglaterra, especificamente, vivia a tragédia que era a onda neoliberal da Margareth Thatcher, significou, antes de mais nada, a formação de uma verdadeira sub-classe, quer dizer, realmente, o surgimento do conceito que nós podemos chamar de “excluídos”, quer dizer, aquele cara, não é que o cara está desempregado, o cara perdeu o emprego e não vai arrumar outro.

Entrevistador – Não é o lumpem?

Mau – Não é lumpem, é o desempregado, só que dentro de um contexto de desindustrialização imposto pelo neoliberalismo da Margareth Thatcher que lançou boa parte da classe operária às feras. Então, eu acho que o movimento punk está muito relacionado a isso, quer dizer, uma geração jovem que não tem perspectiva de cultura. Nem mesmo a perspectiva de se transformar num operário explorado o cara tem. Tanto é que o Ciro lembrou que um dos lemas era “Não há futuro”. Então, isso marca, inclusive, uma distância brutal entre os pequenos burgueses degenerados do movimento estudantil universitário

de 68, que nessa época já estavam se integrando ao sistema, já estavam dirigindo as empresas de papai, já estava entrando no Partido Verde como o Daniel, o Vermelho, que agora o cara virou... parece o Gabeira. O cara já foi de esquerda. Ele se dizia. Eu acho que nunca foi. E uma classe operária em franca decomposição. No Brasil, o contexto era diferente. No Brasil estávamos nos momentos finais da ditadura militar em que você tem uma certa recepção dessas idéias, de algo mais radical, mais contestatório do que havia sido até então o rock'n roll. E, o mais interessante, um movimento que não era um movimento da pequena-burguesia degenerada. Era o movimento das massas populares, era o movimento, antes de mais nada, o movimento de filhos de operários.

Entrevistador – Então, o Lincoln lembrou bem essa questão do punk rock e do movimento operário que nas últimas décadas talvez tenha sido o mais importante em termos de reflexo político, não é? Lembro que a temática do punk rock era uma coisa que refletia exatamente a realidade. Tinha muitas letras e músicas ligadas à realidade do operário, à realidade da opressão da ditadura militar. De uma forma ou de outra, uma coisa deve ter provocado a outra, não me arrisco a dizer se o punk rock é invenção daquela circunstância ou a circunstância, de alguma forma, gerou o punk rock. Mas, enfim, de qualquer forma, ela deu grande fôlego, pelo menos a sua força e a reflexão da juventude nesse período. Eu queria perguntar a você, particularmente na trajetória dos Garotos Podres, da banda que você formou, e até da anterior, a Submundo, qual foi a sua experiência pessoal com a esquerda e os caminhos que o levaram, por exemplo, a musicar a Internacional no disco dos Garotos Podres e essa relação da tua banda e a tua trajetória pessoal com a esquerda, sabendo que você mora no ABC e morou em Mauá.

Mau – Bem, você coloca a questão de opção, até que ponto o punk rock é expressão do movimento. Eu acho que é do

movimento social mais geral. Eu acho que é isso. E, de uma maneira geral, eu acho que é perfeitamente lógico, sempre morei no ABC, estudei boa parte, até o Ensino Médio eu sempre estudei no ABC e o Ciro deve se lembrar, afinal de contas estudava na mesma escola que eu no Ensino Médio, a gente pegou aquela época do final da ditadura militar, do ressurgimento do movimento sindical, contestando a ditadura, uma greve em 79, 80. Eu era um daqueles moleques, vários, não era o único, vários moleques que matavam a aula para ver greve. É lógico que a consciência política que a gente tinha era uma coisa muito infantil, seria exagero, mas uma consciência muito incipiente. Mas eu acho que começou a se forjar ali. A partir do momento em que você vê o combate sindical traduzido num enfrentamento de rua com a polícia, contra a ditadura, eu acho que isso daí é extremamente pedagógico, digamos assim. E eu acho que você começa a perceber a existência da manipulação dos meios de comunicação quando você mata aula para ir ver greve e depois chega em casa, liga na Rede Globo que noticia uma coisa completamente diferente do que você viu durante o dia. Então, eu creio que boa parte do meu despertar e do interesse pela política surgiu aí. Surgiu eu, moleque, matando aula, na época do Ensino Médio, para ir ver greve.

Entrevistador 1 – E às vezes a imprensa até escondia, como no caso das Diretas-Já que a Rede Globo não divulgava, né?

Mau – É, no caso da greve dos metalúrgicos era pior. Chegava em casa, a Rede Globo: “ah, a greve está acabando, tal empresa já voltou, tal empresa já voltou”. Daí, no dia seguinte, eu ia para São Bernardo, porque eu morava em Mauá e estudava em São Bernardo, tinha manifestação gigantesca. Daí eu falava: “tem alguma coisa errada, não é? Ou eu estou tendo alucinação ou a Rede Globo está mentindo”.

Entrevistador – Exército nas ruas, revista no estádio vira blitz.

Mau – É, ou o helicóptero do exército que sobrevoava o Estádio do Vila Euclides dava a volta bem em cima da minha escola. O pessoal apontando metralhadora, umas 50 em cada porta, não é? Então, o meu despertar político foi bem por aí. E coincide esse período com o período de ressurgimento do movimento estudantil secundarista. Então, nessa época eu tinha contato com o pessoal que era, eu mesmo não era do movimento estudantil, mas tinha contato com quem era, Bene Alpert, o pessoal e tal. E eu era o cara que sentava no fundão da sala e lia o material, por exemplo, da Alicerce da Juventude Socialista. Então...

Entrevistador – Que livro você leu nessa época, de esquerda, você lembra de algum?

Mau – Puta, eu lia muito pouco, cara.

Entrevistador – Além da Biblioteca do Exército (risos)? Você leu Os Miseráveis?

Mau – Ah, Os Miseráveis eu li quando eu tinha 12 anos. Inclusive, Os Miseráveis, o Noventa e Três também, ambos do Victor Hugo. O 93 eu li, eu já era bem mais velho, tinha uns 13. Mas eu lembro que quando eu vi a greve dos metalúrgicos, na minha cabeça de moleque, ela já me remeteu a Os Miseráveis, barricada, não sei o quê, enfrentamento com polícia e tal. Era muito legal, cara. Eu sabia que eu estava vivendo alguma coisa que era histórico. Eu sabia que aquilo era importante. E eu acho que o início da minha percepção política, ela está aí, ou seja, o movimento metalúrgico do final dos anos 70 e início dos anos 80, como espectador, e o movimento estudantil do mesmo período e a leitura dos pequenos panfletos e jornaizinhos etc., que eram publicados pelo movimento secundarista da época.

Entrevistador – E a banda de vocês, tocou alguma vez em algum evento ligado a greve, show de greve?

Mau – É. Quer dizer, o cara pergunta já sabendo a resposta (risos). Na verdade, o primeiro show da gente, da Garotos Podres, em 83, foi num festival organizado pelo fundo de greve do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André. E é bem interessante, a própria história do fundo de greve é interessante porque todo o sindicato, pela legislação que na época estava em vigor, podia sofrer intervenção do Ministério do Trabalho. Então, já prevendo isso, criou-se uma estrutura paralela, os fundos de greve. Criaram-se centros de cultura operária. E alguns sindicatos criaram os fundos de greve, quer dizer, é uma instituição separada do sindicato para que, se o sindicato fosse tomado pelo governo, você tenha uma estrutura que possibilite a sobrevivência do movimento. E o nosso primeiro show foi durante um festival organizado pelo fundo de greve do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André.

Entrevistador – São Bernardo e Santo André?

Mau – Não, na época era só Santo André porque era separado.

Entrevistador 1 – É, era só Santo André porque era separado, é verdade.

Entrevistador 2 - Então, fazendo uma análise sobre o rock'n roll hoje. Era muito comum, na época, você encontrar as tribos pela rua, não é? Principalmente na região do ABC, você tinha os skins, os punks, tinha os metaleiros, tinha os rockabilies. E todos esses grupos tinham um alinhamento, digamos assim, uma “farda” que pertencia a uma tribo e normalmente até uma classe social, não é? Que você via, que você podia enxergar até pelo tipo de instrumentos que eles tocavam que se relacionavam até, digamos, ao custo desses instrumentos que favorecia. Por exemplo, uma banda de garagem de punk tocava só com aqueles instrumentos que tinha na época. Mas hoje, a gente vê que essas “fardas”, elas estão à venda, não é mesmo? Então você pode trocar a sua “farda” hoje, independente da sua

classe social e pertencer a uma tribo por algumas horas do dia e voltar a fazer o que você faz dentro do seu grupo, não é?

Entrevistador 1 – Você acha que esse movimento punk e o movimento skin e todos esses outros, essas tribos, elas tendem a deixar de existir, uma vez que você tem hoje um movimento ligado à música mais relacionado ao modismo e às vestimentas?

Mau – Bem, primeiro eu vou começar falando de uma coisa pior do que você disse.

Entrevistador – Diga.

Mau – Digamos assim, a sociedade é capaz de incorporar valores que, em tese, seriam contrárias a ela. Se nós formos pegar, por exemplo, voltando a 68. Então, o movimento hippie, flower power e tal, um dos símbolos, que se tornou símbolo, calça jeans, coisa e tal, não sei o quê. Daí eu estava lembrando, os mais jovens não devem se lembrar, mas os mais velhos devem. Com certeza se lembram, pelo menos o mais velho, o Ciro, eu lembro de uma marca de calça jeans que criou o seguinte jingle para vender calça, lógico, um jingle que era uma propaganda vinculada à televisão. O slogan era: “liberdade é uma calça velha azul e desbotada”.

Entrevistador – É verdade.

Mau – Então, é a coisa mais perversa que pode existir. Em primeiro lugar, você associa um ideal de liberdade a um objeto de consumo. Então, o mais interessante ainda, essa empresa que era a US Top, que além de vincular a liberdade e um objeto de consumo, ela se propõe a vender calças velhas, azuis e desbotadas.

Entrevistador – Não é o grau máximo do fetiche da mercadoria?

Mau – É muito interessante como qualquer idéia, símbolo ou valor, pode ser incorporado não só comercialmente, porque

para que seja incorporado comercialmente, ele tem que ser incorporado ideologicamente. E eu acho que todos esses movimentos urbanos dos anos 80, vide o punk-rock etc., foram, em menor ou maior medida, incorporados, inclusive, pela sociedade de consumo de massa. Um exemplo claro disso, você tem uma série de bandinhas bem sem-vergonhas que incorporam a estética musical do punk-rock e até um pouquinho do visual do punk para fazer música de corno. É o caso do que o pessoal chama, genericamente, de “emo”, sei lá. E essa é uma modinha que vem dos Estados Unidos, imitando as bandas como Green Days etc e tal. Ou seja, o cara pega a estética musical punk que é algo que tinha um conteúdo interessante, o cara pega aquela estética musical, mas só o nome, CPM 22 ou qualquer coisa parecida, pega uma letrinha que bem poderia ter sido feita por qualquer dupla sertaneja.

Entrevistador – Roberto Carlos.

Mau – E fica lá: “porque o meu amor me deixou e eu estou com dor no corno e não sei o quê”, e fica por isso mesmo.

Entrevistador – Mas tem coisa pior porque na campanha à prefeitura do Gilberto Kassab agora, eles pegam uma música dessas de corno e o toque de guitarra é um toque ska. Eu não sei se você teve a oportunidade de escutar, mas é um toque de guitarra ska, numa campanha de um cara que é de direita, não é? O que é mais louco ainda.

Mau – É, ou seja, na verdade, é por isso que eu acho que as pessoas têm que se preocupar muito menos com a forma e muito mais com o conteúdo porque qualquer movimento político, social ou movimento de juventude, isso não interessa. A mídia, ou melhor, a sociedade burguesa é capaz de incorporar a forma. Mas sempre deixando o conteúdo de lado. Uma forma de você combater uma idéia de um movimento é incorporar a forma desvinculando, esvaziando o seu conteúdo. Por exemplo, para muita molecada bem jovem, puta, porque o

cara até, pessoalmente, é gente boa. Mas para muita molecada bem novinha, punk-rock é o Supla. Você entende? Assim, pessoalmente ele é super legal e tal, mas não tem nada a ver com o punk-rock, você entende? Mas é essa coisa, você incorpora a estética, mas não o conteúdo.

Entrevistador – Mas a forma não é revolucionária?

Mau – Não.

Entrevistador – Não?

Mau – Eu não acho a forma revolucionária. A essência é revolucionária. Ou seja, o conteúdo, né?

Entrevistador – E o conteúdo tem que estar pautado numa circunstância?

Mau – Sim. O conteúdo, ele surge, não é que tem que estar pautado, ele está pautado porque as coisas não existem no mundo ideal. As coisas existem no mundo concreto, onde a idéia é a expressão da estrutura econômica e social. Assim diria o velho e bom amigo, Karl Marx.

Entrevistador 1 – Agora, Mau, deixe-me fazer uma pergunta, tive a oportunidade de olhar alguns sites na Internet que tratam dessa temática que a gente está conversando. Sobre o movimento skin etc. E uma das coisas que eu descobri é que alguns grupos que são considerados ícones do rock, do rock tradicional, tiveram um pezinho lá nos mods, e mesmo naquilo que depois, nos anos 70, vai virar skin mesmo, não é? Por exemplo, alguns membros do Pink Floyd, alguns membros do The Who eram, principalmente...

Entrevistador 2 – O próprio Rolling Stones quando saem nos Estados Unidos, eles fazem reverência ao soul que naquela época já estava completamente desgastado e marginalizado, não é?

Mau – Exatamente.

Entrevistador – Eles resgatam. Vários andavam com o Bob Marley, não é?

Mau – Exato. Os Beatles fazem uma obra fazendo reverência, não é nem referência, é reverência ao Skak, “Obladi, Obladá”.

Entrevistador 1 – É até uma coisa meio engraçadinha...

Entrevistador 2 – É um ska, não é?

Entrevistador 1 – O Eric Clapton faz um concerto, se eu não me engano, em homenagem ao Bob Marley, que estava na cadeia nesse período também, não é?

Entrevistador 2 – Então, falando nisso, seria interessante, meio que tentando resgatar um pouquinho para a esquerda o que é skin, o que é ska, você tem condições de colocar o que é essencial numa discografia para poder entender esse período? O que é que você recomenda?

Mau – Putz, tem muita coisa, cara, muita coisa. Eu teria até dificuldade em indicar...

Entrevistador – Mas você citou aí Desmond Dekker.

Mau – Eu acho que em primeiro lugar, Desmond Dekker, porque foi o primeiro jamaicano a fazer sucesso na parada da Inglaterra.

Entrevistador – Em que ano?

Mau – 69.

Entrevistador – 1969?

Mau – Eu colocaria também Judge Dread, que foi o primeiro branco a tocar reggae e ska. Ele teve muito problema com censura porque as músicas dele, para a época, eram consideradas bem indecentes, cheio de trocadilho e tal. Um cara completamente desconhecido no Brasil, mas que vendeu mais de 20 milhões de cópias de disco, quer dizer, para você

ver como é que a cultura musical aqui no Brasil, é muito dependente daquilo que as grandes multinacionais impõem. Então, eu acho assim, por exemplo, desse pessoal ligado ao reggae, ska, no final dos anos 60, eu acho que esses... poderia começar por aí. Mas, Symarip é bem interessante.

Entrevistador – Esses são os que gravaram Skinhead Girl?

Mau – É, Symarip.

Entrevistador – Tem o Derek Morgan, também?

Mau – Tem, tem o Derek Morgan, quer dizer, um monte de...

Entrevistador – Que eram jamaicanos, né?

Mau – A maioria é jamaicanos.

Entrevistador – Um garoto hoje, que resolve ser skinhead, ele vai ter que ouvir todos esses negros?

Mau – Sim. Senão o cara não é um skinhead.

Entrevistador – Está certo.

Mau – Eu acho, por exemplo, dos anos 70, eu acho bem interessante, além do pessoal do punk- rock, Sex Pistols, Nine Inch Nails, The Clash, Ramones, o pessoal do Two-Tone, eu acho bem interessante, então, Bad Manners, Specials, Bad News. Todo esse pessoal. Dos anos 80, eu acho que eu pegaria, principalmente, esse pessoal do “Oi!”. Four Skins, Infra Riot, Rock Speakers, que tinha um guitarrista brasileiro. Rock Speakers, Rock in reverse e assim por diante. E dos anos 90 para cá tem muitas bandas novas. Mas assim, os primórdios estão aí. Meados dos anos 60 até meados dos anos 80 que está o período de formação dessa cultura musical.

Entrevistador – No Brasil, tem alguém?

Mau – No Brasil, não sei. Tem a gente!

Entrevistador – Por falar em “a gente”, você está trabalhando num CD agora, você pode falar alguma coisa sobre isso agora?

Mau – Está muito no começo ainda.

Entrevistador – É?

Mau – É que está todo o mundo sem tempo, numa correria. Mas algum dia sai. Mesmo porque não tem pressa porque não existe mais gravadora, não é? CD é alguma coisa que eu acho que vai desaparecer. Então, não tem muita pressa de ficar lançando CD o tempo todo.

Entrevistador – Pode usar esse negócio de Creative Commons, também, não é?

Mau – O que é isso?

Entrevistador – Creative Commons. É licença “aberta” de direitos autorais, coloca na rede e deixa para quem quiser baixar. Tem uns caras que tudo bem, você não quer ganhar mais dinheiro, então, pega e coloca na rede, garante do ponto de vista dos direitos autorais, para ninguém vender no lugar de vocês, ninguém ganhar dinheiro em cima de vocês e deixa liberado.

Entrevistador 2 – É, também é uma possibilidade.

Mau – É, porque hoje em dia, CD é uma coisa que vende cada vez menos porque tudo já está na rede. Hoje não tem muita pressa não.

Entrevistador – Tá. Eu acho que é isso aí.

Entrevistador 2 – Você que é um artista, Mau, eu queria fazer uma pergunta para você: “E que time é teu”?

Mau – Foi o vento. O resto da resposta você já sabe (risos).

Entrevistador 1 – Também tem o time de futebol deles.

Entrevistador 2 – É, da Galícia, lá.

Entrevistador 1 – É, para terminar a nossa conversa, então, fale um pouco sobre esse time da Galícia, Galida.

Mau – Então, vamos falar só um pouco: “Outra vez/ os tempos são chegados/ nessa velha e mítica nação/ Galícia sempre hay en nuestra alma/ o cerca en nuestro corazón/ oi!”

Entrevistador – Em Ritmo da Katyusha!

(Risos!)



Manifestação Zócalo – protestos de Tlatelolco

Livros

Engenharia e poder

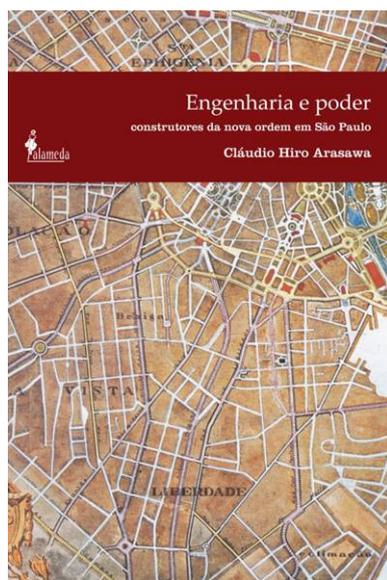
Os construtores da nova ordem em São Paulo

Nos fins do século XIX, São Paulo possuía apenas duas escolas de engenharia: o Mackenzie College e a Politécnica. Numa sociedade que se desenvolvia rapidamente, o conhecimento técnico e científico dos engenheiros tornava-se cada vez mais importante. Ainda assim, os construtores da nova ordem tiveram de disputar idéias e espaços para garantir a sua aceitação social.

Em *Engenharia e poder*, Cláudio Hiro Arasawa procura detectar o papel inovador e proselitista dos engenheiros na batalha por oportunidades de trabalho e também

por novos ramos de intervenção nos problemas urbanos da cidade, cada vez mais complexos. Neste momento da história da cidade, os profissionais da engenharia tiveram de interpretar e adaptar as principais correntes de pensamento e experiências internacionais aos recortes urbanos de São Paulo.

O livro reflete, ainda, relação entre o mundo e o lugar e a diluição das fronteiras milenares entre o campo e a cidade. Para o professor da FAU-USP, Murilo Marx, a o olhar e as interpretações do autor “têm toda atualidade”, uma vez que esse processo de urbanização,



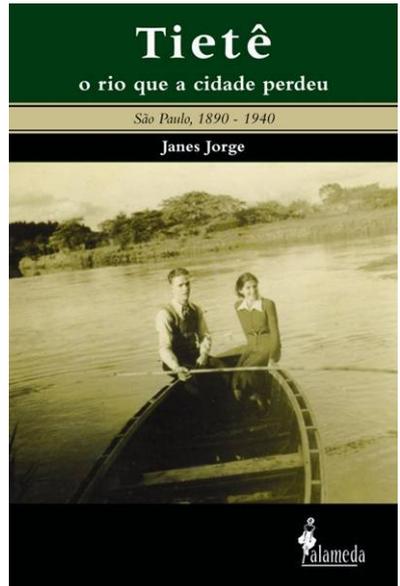
ocorrido em escala planetária, exigem a atenção não apenas dos engenheiros e arquitetos, mas também de outros saberes e de toda a nossa criatividade.

Sobre o autor: *CLÁUDIO HIRO ARASAWA* bacharelou-se em História pela FFLCH-USP, tendo defendido dissertação de Mestrado na mesma instituição em 1999. Doutorou-se em 2005 em Arquitetura e Urbanismo pela FAU- USP. Atualmente leciona no curso de História da UnG.

Uma história do rio Tietê

Livro recupera a importância do rio para a cidade de São Paulo

No primeiro meio século de regime republicano, os paulistanos de nascimento ou por adoção, assistiram à transformação de um rio cheio de vida, com peixes abundantes em suas águas, pássaros e animais em suas várzeas, em um canal estreito e sujo, dominado pelos interesses da industrialização. Este livro recupera, com argúcia ecológica e competência de historiador, a relação dos paulistanos que viviam deste e para este rio, o Tietê, que a cidade perdeu.



Historiador sensível às questões do poder e das vicissitudes do ecossistema do rio Tietê, Janes Jorge revive neste livro o papel que tiveram a destruição das matas ciliares e a valorização das várzeas sobre o desaparecimento gradativo dos pássaros, dos peixes, da caça, que era o sustento dos moradores pobres. Brinda-nos com a história social dos ribeirinhos, dos grileiros das várzeas do Tietê, dos pequenos canoieiros que pescavam e sobreviviam da lenha e da caça, que foi abundante nas margens do rio até a década de vinte.

Crítico e interpretativo, o historiador estabelece um forte elo entre o projeto das elites na urbanização de São Paulo e o povoamento das várzeas por ex-escravos expulsos do centro e, a partir de 1885, por imigrantes italianos e portugueses que sobreviviam da extração e do transporte da areia e da argila. O rio foi sendo dominado pela força dos interesses ferroviários, da industrialização, do esgoto e do lixo, que acompanharam o crescimento demográfico da cidade. O rio foi transformado num canal estreito e sujo, cujas memórias Janes Jorge

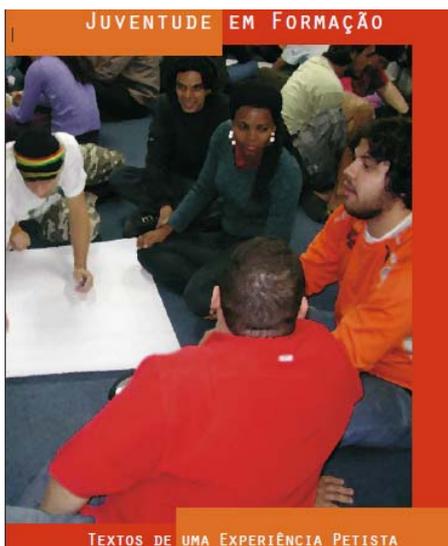
resgata com argúcia ecológica para nossa leitura prazerosa e inquietante.

Sobre o autor: Janes Jorge é professor de história da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP).

Juventude em formação

textos de uma experiência petista

Vale a pena conhecer as informações e reflexões trazidas por: Agnaldo Santos, sobre o desenvolvimento histórico do capitalismo; Hélio da Costa, que visita a organização da classe trabalhadora e o movimento socialista no Brasil de 1945 a 1964; Helena Abramo, na discussão sobre a singularidade de atores juvenis nos espaços públicos e lutas políticas no momento histórico atual; Elisa Guaraná, em um mergulho sobre a construção da categoria juventude no sistema capitalista; Valter Pomar, com uma leitura da história do PT, na história do Brasil; e Wagner Romão, recuperando, também pela história do partido, a presença da juventude em diferentes documentos.



Além das contribuições destas pessoas, que conduziram os momentos de formação da referida Jornada, reunimos também experiências trazidas por jovens engajados e engajadas em diferentes lutas e que participaram de um momento de intercâmbio com a juventude do PT naquele momento. Apresentam-se aqui a juventude da CUT, com texto de Adriano Soares, os Coletivos Jovens de Meio Ambiente, nas palavras de Joice Brandão, a experiência do coletivo Intervozes, pelo direito humano à comunicação, por Bia Barbosa, o Fórum Nacional de Juventudes Negras, com descrição de Helen Barcellos, a Marcha Mundial das Mulheres, por Tica Moreno e Sarah de Roure, o MHHOB apresentado por Dudu de Morro Agudo, do Movimento Enraizados, e a Pastoral da Juventude, na visão de Luciano Resende.

A participação dos convidados e convidadas internacionais Elias Romero Gomez, da Frente Farabundo Martí, de El Salvador, Simone Burger, dos JUSOS (socialistas jovens), da Alemanha, e Celiana Barolin, da Comissão Nacional de Juventude da Frente Ampla, Uruguai, não estão registradas na publicação, mas merecem menção pois o intercâmbio internacional cumpriu importante papel para os debates da Juventude do PT em torno de propostas para um novo modelo de organização apresentadas durante o I Congresso da JPT.

Agradecemos a Rafael Pops, um dos idealizadores da Jornada, Secretario Nacional de Juventude do PT no período de sua realização, pelo compromisso e cuidado dedicados ao processo. Agradecemos também a Secretaria Nacional de Juventude e a Secretaria Nacional de Formação Política, pela parceira na construção da Jornada, e às equipes da FES e da FPA pela dedicação e empenho desde o início do processo até esta fase da publicação. Por fim, justificamos a ausência das histórias trazidas, mas não registradas, na noite de testemunhos com Flavio Koutzii, Marcos Cardoso e Darlan Montenegro2, jovens militantes de esquerda de gerações anteriores, que compartilharam suas memórias com os jovens e as jovens presentes durante a Jornada de Formação Política. Os depoimentos valeram muito para quem esteve presente. E valerão sempre que trajetórias como estas puderem ser compartilhadas para inspirar quem ainda tem muito para ver, viver e transformar.

Britta Joerissen, Jochen Steinhilber, Fernanda Papa *Fundação Friedrich Ebert*

Flavio Jorge *Fundação Perseu Abramo*

Transtorno Obsessivo do Capital na exuberante Volta Grande do Xingu: Amazônia, beira de rios e proximidades.

Francisco Del Moral

“Quando nos tempos da exploração da borracha na Amazônia dizia-se que o único crime que lá se cometia era não voltar de lá rico, conforme registra o ensaísta amazonense Samuel Benchimol. É ele quem nos conta que à entrada do rio Purus, o mais rico na exploração de borracha, havia uma ilha chamada Consciência, que era onde você devia deixar a consciência antes de subir o rio para não se lembrar do que você havia feito quando voltasse do alto rio. Não à toa, no interior do nordeste, o paroara, aquele que voltava rico da Amazônia, era visto como tendo uma riqueza amaldiçoada.”¹

¹ Citação em PORTO-GONÇALVES, Carlos. Walter “**Quem nasce no Brasil é o quê mesmo?**” Artigo, Agência Carta maior Análise & Opinião Sexta-Feira, 13 de Junho de 2008.

A Amazônia está no centro das atenções, mais uma vez. Sempre estive, não esqueçamos, para aqueles que lá vivem e tem seus modos de vida garantidos por uma imensidade de águas, beiras de rios, igarapés, árvores, bichos, gentes e pólos urbanos. Quem esteve por lá se impressiona pelas dimensões sempre enormes, pela exuberância dos cheiros, das cores e de sabores. Por interação simbólica, através dos relatos, músicas, histórias e lendas contadas, os que lá não estiveram tem algo presente em si das dimensões que falamos. Não poderia ser diferente considerando que quase uma metade deste território brasileiro (muitas vezes chamado de nação brasileira mesmo que não saibamos dizer com exatidão o que é isso) é coberta de florestas.

Não é de hoje que existe uma obsessão por parte de muitos que moram longe daquelas terras, mas as encaram como um armazém de riquezas, além de uma prateleira de curiosidades que podemos, ao alcance da mão saciar, nosso gosto pelo exótico. As águas e terras ribeirinhas, já faz muito tempo, tem outros usos que não apenas aqueles de tomar banho, pescar, saciar a sede, atravessar, se locomover. As grandes obras hidrelétricas e seus idealizadores enxergam os rios como algo que pode e deve ser barrado. A história das

hidrelétricas no sudeste brasileiro é inequívoca e implacável no registro material e concreto (muito concreto) da transformação de rios em uma sucessão de “escadas” de reservatórios. O que chamávamos de rios já não o são pois suas dinâmicas foram alteradas. Há uma obsessão em barrar a Volta Grande do Xingu. Hoje a ameaça de chama Usina Belo Monte, mas já foi Kararaô. O nome atual, inspirado por um monte belo situado nas proximidades do cruzamento da transamazônica com o rio Xingu nos lembra, com ironia involuntária, da tragédia oficial que se abateu sobre o Conselheiro e seus aconselhados². Este relato de viagem de assessoria a trabalhadores ribeirinhos tratará deste assédio da indústria das grandes barragens sobre outro conjunto da população que neste momento carece de aconselhamentos e esclarecimentos.

Antes de iniciar o relato me parece útil lembrar Istvan Mészáros através de uma reflexão sobre particularismos locais e o mundo das necessidades.

² Sobre a tragédia que se abateu sobre Belo Monte, além da referência à obra principal de Euclides da Cunha indicamos texto sintético e denso de Walnice Nogueira Galvão, **O império do Belo Monte - Vida e Morte de Canudos**. Ed fundação Perseu Abramo. São Paulo, SP, 1^a edição 2001

Mészáros quando fala das quantidades astronômicas de desperdício³ que o sistema do capital precisa produzir tem que lançar mão do entendimento das necessidades. Recorre, através de sua erudição, aos pré - clássicos da economia política e seu conteúdo moral: Mandeville diz que luxo é aquilo que supera as necessidades básicas - físicas, químicas, biológicas - que precisam ser satisfeitas para garantir a sobrevivência dos seres humanos. É uma definição rigorosa, elementar e se não a tivéssemos não saberíamos onde parar considerando a subjetividade humana expressa em seus desejos. O que se revela preocupante e com mais ênfase, entretanto, é que o sistema que Marx tão bem estudou não sabe onde parar. Sua estrutura não permite o estabelecimento de metas, o que na prática significaria pensar em um critério de parada, balizador de reconhecimento social de limites estruturais. O entendimento do crescimento parece se aproximar de uma cinemática sem tempo: há velocidades e posição, mas não uma lei temporal que possa expressar desacelerações. Prefere-se o céu como limite. As necessidades dos homens são inumeráveis,

³ Capítulo 15: The decreasing rate of utilization under capitalism (pgs) na 1ª edição(1995) de **Beyond Capital** ou A taxa de utilização decrescente no capitalismo (págs 634 a 659), da edição Brasileira de Para Além do Capital, Editado pela Boitempo e pela Editora da Unicamp, 2002. O autor cita Bernard Mandeville, filósofo social do séc XVII e XVIII, famoso por sua satírica *Fábula das Abelhas: vícios privados, benefícios públicos* dentre outros escritos.

então aquilo que deve atendê-las também não possui limites. Desta tautologia, na qual o crescimento se torna um valor em si, também participam a energia, sua oferta expansiva e particularmente as hidrelétricas de grande porte no entorno e sobre as terras dos índios e ribeirinhos na Amazônia.

Toquemos em ponto sensível: na possibilidade e realidade do aumento de obras de infra-estrutura em regiões aonde se localizam populações tradicionais, terras indígenas, unidades de conservação, nas quais aparecem e se mantêm modos de vida distintos do modo de vida urbano, aparecem e se mantêm distintas necessidades.

Mais ainda, vivemos um momento em que o pensamento crítico e a explicitação de conflito estão desvalorizados ao passo que “ordem pública” e “autoridade” são enaltecidas como trilhos para o progresso. Mas isto pertence a trajetória, que se iniciou há tempos. O desvio de uma linha de progresso ainda é tido como um desvio da linha natural. Esta influência político-ideológica se cristaliza com o processo político republicano brasileiro e avança no processo de industrialização e de ocupação do território. Exemplo real desta influência e deste anseio de unidade se materializa tanto nos ideais republicanos brasileiros de origem, como nos ideais da revolução de 1930 e nas condutas de exploração sertanista

no Brasil que avançou de encontro às áreas “inóspitas” e “virgens” do território brasileiro⁴.

A idéia de proximidade e, simultaneamente, distanciamento é elemento para construir mecanismos de injustiça ambiental e mecanismos de legitimação e naturalização de ameaças: o que o cidadão de São Paulo, por exemplo, que deve estar se servindo da eletricidade, da iluminação artificial noturna e climatização, tem a ver com os “pobres diabos” que se opõem a grandes obras, utilizam a luz do dia e se banham nos rios frescos mais refrescados ainda pelas corredeiras?

Há vários exemplos empíricos que podem identificar os fluxos e sentidos de matéria e energia de dimensão planetária que predominam sobre os particularismos nacionais.

⁴ Esta afirmação se ampara no conjunto de documentos apresentados na obra **A Segunda República (1930 – 1937)** de 1978 e **A Terceira República** de 1982 ambas de Edgard CARONE, mais especificamente na terceira parte – Classes Sociais – (p. 210-219) e – A constituição de 1937 respectivamente nas obras citadas. Em dois artigos específicos sobre o tema **O Positivismo e a Geografia em Rondon** de José Carlos G CAMARGO e Fabrício F. de LIMA (2005) publicado na revista Estudos Geográficos da UNESP Rio Claro, no texto **AARÃO REIS: Pensamento econômico, social e político de inspiração positivista** de Henderson Marques LOPES (FCEJV – Instituto Vianna Júnior) revista Eletrônica de Economia Março de 2003 que em conjunto expõem o posicionamento sobre a expansão desta ideologia sobre o território e o **Dossiê Marechal Rondon: O descobridor de um outro Brasil**. Revista de História da Biblioteca Nacional No 11 Agosto de 2006 que traz o papel mediador do sertanista e enfatiza a disposição de avanço da técnica sobre a natureza.

Especificamente no caso brasileiro os aproveitamentos hidrelétricos, siderúrgicos e petrolíferos na Amazônia brasileira e nas demais Amazôniaas evidenciam e suportam o crescimento destes fluxos em escala planetária, considerando que os produtos eletro-intensivos e minerais são direcionados a além mar. No sentido contrário, cimento, turbinas, aço e geradores são direcionados para o meio da floresta. Assim foi como ocorreu com as usinas de Balbina e Tucuruí,

Tomada uma posição para a análise, escreve-se um breve relato de viagem feita à Volta Grande do Xingu trazendo impressões de alguém que não é de lá, vive no ambiente urbano.

A região da Volta Grande

Nossa última presença na região se deu no período de 06 a 11 de novembro de 2008 junto às atividades do Encontro dos Povos da Volta Grande do Xingu, em duas localidades Vila da Ressaca: município de Senador José Porfírio e na comunidade São Francisco das Chagas, no município de Vitória do Xingu.

Fui convidado para prestar assessoria a movimentos sociais e prestar esclarecimentos sobre conseqüências da implantação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte.

Fundamentalmente expus informações presentes no livro Tenotã – Mo⁵ e informações presentes no site da Eletronorte e uma compilação de slides antigos. Já havia estado por lá em maio no encontro Xingu Vivo e para Sempre. Como resultado segue um breve relato de observação participante.

Estamos falando do nordeste do Pará. A Volta Grande tem seu início rio acima da sede do município de Altamira, uma das grandes cidades do Pará, (com 95.000 habitantes, maior município brasileiro, maior que o Estado do Acre) e tem seu final no trecho de rio que atende a balsa da transamazônica em Belo Monte do Pontal. De Altamira até a chegada à ilha Pimental são uns 40 km. Este trecho de rio exhibe em seu leito saliências rochosas de cores escuras e de tons mais claros evidenciando idades distintas das rochas, saliências que são mais visíveis no chamado verão (agosto, setembro, outubro época em que o rio está mais seco) e que se tornam mais frequentes à medida que deixamos a ilha Pimental para trás e nos encaminhamos para fazer o cotovelo da Volta Grande. O

⁵ Um esforço no sentido de entender as consequências dos projetos de barragens no Xingu desde décadas é desenvolvido em SEVÁ, A. Oswaldo F^o(org.). **Tenotã-Mõ Alertas sobre as conseqüências dos projetos hidrelétricos no rio Xingu**. Publicação IRN - Internacional Rivers Network. 1ª Edição 2005.

trecho navegado não é virgem nem desabitado, há garimpos, roças e até uma ou outra casa de “veraneio”. Mais atrás das roças há áreas para pastagens. Envolvendo tudo isso, matas densas nas margens nas ilhas e ilhotas visíveis na imagem de satélite. As ilhotas antecedem, rio abaixo, imensos pedregais através dos quais escorre o rio formando encachoeiramentos de impossível navegação. A porção mais a leste da imagem de satélite permite ver de cima a dimensão deste monumento fluvial. Nosso destino primeiro é a Vila da Ressaca, situada “antes” destas cachoeiras das quais só temos fotos e relatos. Até chegar à Ressaca a voadeira faz muitas curvas que nos levam próximo das pedras e das raízes das árvores ribeirinhas, lembrando que estamos em novembro, com o rio baixo. A vila é corrotela de Garimpo que grosso modo fica no ombro da grande curva da Volta Grande. Se fizermos uma visita a publicações do Ministério de Minas e Energia, verificaremos a existência de um inventário hídrico e aurífero da região. Após deixarmos o barco as ruelas nos conduzem por um comércio local, de armazéns, botecos até chegar à escola local que também funciona como centro comunitário além das atividades de educação fundamental, infantil e alfabetização de jovens e adultos. Quando chegamos estava lá, dispensadas das atividades normais, a criançada local. Mais tarde chegariam os

adultos, daquela localidade e de outras cruzando o rio, ribeirinhos das imediações do rio Bacajá e algumas lideranças indígenas da Volta Grande.

Para chegar à comunidade São Francisco das Chagas o roteiro e paisagem são outros, mas também tivemos outra aventureira jornada. Domingo, saímos de Kombi de a Altamira, compramos óleo diesel para alimentar o gerador daquela localidade, e nos encaminhamos pela Transamazônica até o travessão do Km 27. Neste cruzamento há apenas uma indicação, acampamento da Eletronorte. Assim adentramos na porção terrestre envolta pela Volta Grande. Longos trechos de descida que mais se parece uma região serrana, nada devendo aos mares de Minas. Nela vemos roças de cacau, fazendões, pequenas propriedades de migrantes que vieram para próximo de Altamira junto com o sonho da “grande estrada”. Vemos placas da Eletronorte sinalizando altitudes e longitudes com uma indicação de algo que sequer existe - “UHE Belo Monte”. Na comunidade o povo está mobilizado esperando a nossa chegada (constituíamos um grupo heterogêneo: representantes da CPT e CIMI, duas mulheres líderes do Movimento pelo desenvolvimento da Transamazônica Xingu - MDTX, um engenheiro, um antropólogo, uma socióloga e um geógrafo). Rivaliza conosco um jogo da fase final do campeonato

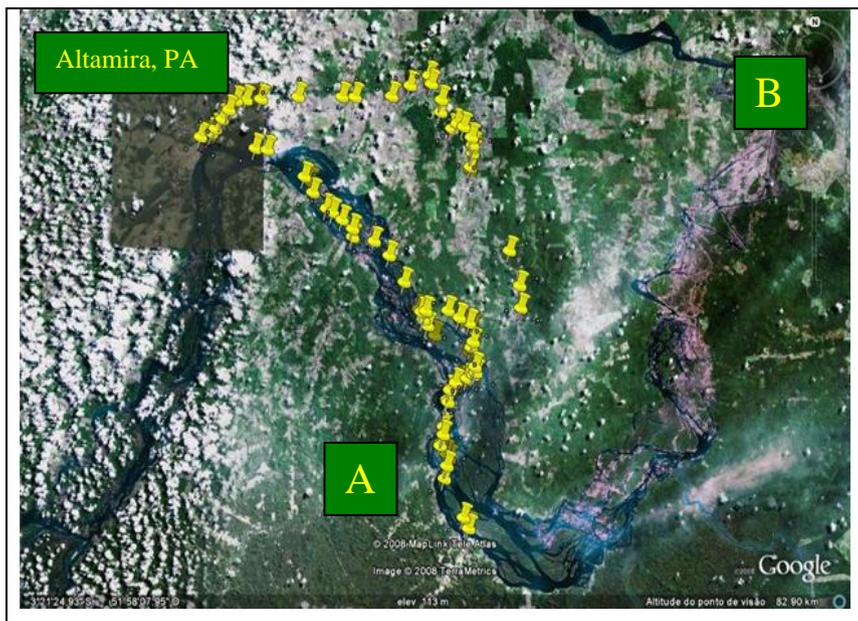
brasileiro, sendo o destaque no bar da comunidade. Sob forte calor fizemos uma reunião, agora, com pequenos agricultores, pescadores do interior da Volta Grande, moradores das áreas dos numerosos igarapés, cursos d'água que teriam sua dinâmica alterada (assim como também se alterariam os modos de vida de quem os utiliza) com a construção de um total de cinco represas.

Podemos entender as populações ribeirinhas da Volta Grande do Xingu como populações ou sub-populações, já que existem diferenças entre elas, e que tem um conjunto de necessidades socialmente constituídas, por sua história, pela materialidade que as encerra. Este conjunto de necessidades é satisfeito pela simbologia gerada com os tempos, pelos recursos naturais como os rios, as terras ribeirinhas, terras agricultáveis, os garimpos, o próprio rio para o transporte, os grupos locais que consomem o que é produzido de um lado e de outro, ou mesmo no meio do rio nas belas ilhas que lá existem. Este conjunto de necessidades se apresenta como necessárias porque efetivamente se mantém e se reproduzem ao longo do tempo e permanecem vigorosas, necessidades que interagem com o meio urbano mais próximo, o de Altamira.

Um passeio pelo comércio local da sede do município de Altamira pode evidenciar a permanência e efetividade destas

relações sociais e econômicas. Não é um comércio como aquele observado no centro das grandes capitais e grandes cidades, mas é um comércio consistente e perene, que não apresenta fechamento de lojas. Uma economia como aquela presente nas cidades médias do nordeste. O cacau é trazido das roças. O peixe é comercializado e chega de barco de vários pontos dos rios. O comércio e comunicação mais rápidos são feitos por voadeiras. As redes para dormir são utilizadas, fabricadas, vendidas. Os tijolos são vendidos e fabricados mais no entorno local, produzido pelas olarias, também próximas. A transamazônica e travessões vicinais são utilizados para alcançar os interiores que se aproximam do rio Xingu. Há um aeroporto local no qual aviões de médio porte se comunicam com outros aeroportos principais e próximos como Belém, Santarém e Marabá. São companhias pequenas que fazem o transporte da região norte - fronteira. Não obstante a constatação de uma perenidade no comércio é possível que a estrutura do comércio local possa sucumbir diante de uma concorrência oriunda de fora da região estimulada pelo aparecimento das empreiteiras, canteiros de obras já que existem as conexões comerciais própria das empreiteiras e considerando que o comércio local não tem uma escala de comercialização de grande porte.

Há décadas que se comenta e se estabelecem propósitos de aproveitamento hidrelétrico do rio Xingu. Há adesão de boa parte do chamado poder local da região aos empreendimentos hidrelétricos.



Trajetos realizados por barco pelo rio Xingu partindo de Altamira e chegando à Vila da Ressaca (A), percorrendo cerca de meia Volta Grande e percurso realizado por via terrestre pelo travessão 27 da Transamazônica até a chegada na comunidade São Francisco das Chagas (B). Pontos em amarelo obtidos pela superposição de coordenadas GPS sobre a imagem obtida no Google Earth. Observações de campo, novembro de 2008

Existe um consórcio de municípios pela construção de Belo Monte que mantém um escritório de divulgação do projeto, programa atividades de divulgação, mantém uma

maquete da obra, mantém, funcionários que oferecem folders e comentários gerais sobre a obra. A idéia de progresso e desenvolvimento está associada ao projeto e com ele viriam empregos, estradas asfaltadas, a prosperidade e o rompimento com o “isolamento” geográfico. O escritório e centro cultural da Eletronorte, a principal protagonista e entusiasta há décadas da obra, se mantém presente na linha de frente desta propaganda propiciando atividades culturais com ares de modernidade: exposições, stands e iluminação que bem se parecem com aqueles observados em centros culturais dos grandes centros urbanos. O movimento pró-hidrelétrica divulga, sem detalhamento, planos de inserção regional durante o período de construção da obra e após sua finalização ao passo que muros exibem posicionamentos contrários - Belo Monte é Eletromorte! - e o município abriga encontros de índios, ribeirinhos, ambientalistas, acadêmicos, militantes pastorais da igreja.

Mencionemos que a região já foi “alcançada” por projetos oficiais como a chegada da Transamazônica. A proposta de asfaltamento de trechos dela e de alguns travessões localizados no “coração da obra” tem adesão por parte da população, empresários, mandantes locais, empresas de comunicação e comerciantes. A contraposição entre o “atraso”

de uma região carente de serviços públicos na qual aparece uma sensação de isolamento geográfico e a possibilidade do aparecimento do “progresso” é algo propagandeado como mudança positiva.



Indigenas discutem Belo Monte. (Betânia, Altamira, 21-05- 2008)
Belo Monte e Eletronorte nos muros de Altamira
Manifestação na Prainha (23-05-2008). Fotos: Fco Hernandez

De certa maneira é esquecido o fato de que estes benefícios de implantes de serviços públicos deveriam independer da construção ou não dessa obra, lembrando que

Altamira é uma das principais cidades do Pará, o maior município do Brasil (maior que o Acre) com cerca de 95.000 habitantes, abrigando florestas nacionais e várias terras indígenas demarcadas. Altamira apesar das dimensões físicas, antropológicas e de biodiversidade “começaria” a figurar no mapa apenas se esta obra fosse concretizada, como contribuição a um progresso cujos benefícios locais não são claramente perceptíveis.

A chegada da proposta de uma grande obra conflita com o que já existe na região e apresenta possibilidades de modificação drástica da dinâmica local. É uma obra de porte, com forte intervenção sobre o território natural e sobre aquele construído pelo homem. Pode trazer aquilo que é conhecido como a intervenção da indústria barrageira, os canteiros de obras, a forte migração de operários, a especulação fundiária, aumento do transporte de equipamentos, cimento, pedra, ferro, tráfego aéreo, prostituição. Não neguemos a história das grandes hidrelétricas na Amazônia e em outros cantos.

Um mantra parece estabelecer-se no discurso oficial: pelo bem de uma população “maior”, uma população “menor” deve abrir mão do que tem, de meios estabelecidos na condução de sua vida. Este é o recado propagandeado

oficialmente: minorias da população de agricultores e comunidades ribeirinhas teriam que abrir mão de seus modos de vida, e isto se daria ao serem deslocados, alagados ou atingidos pela construção da represa, paredões das barragens, construção de diques, movimentação das terras, construção do canteiro das obras. Os propósitos locais existentes, mencionados há pouco seriam modificados. As suas necessidades históricas seriam modificadas em função de outras necessidades que seriam satisfeitas e ampliadas pela geração de mais energia e que intensifica o uso dos recursos naturais e que manifestam o conflito no seu uso: os rios e terras ribeirinhas seriam utilizados para acumular água e posteriormente converter energia mecânica em energia elétrica. Regiões de roças de cacau serviriam para acomodar um total de 5 reservatórios. Igarapés ou trechos deles seriam canalizados e outros seriam “barrados” pelos paredões de diques e dos próprios canais. As comunidades da Volta Grande do Xingu a exemplo da Vila da Ressaca teriam sua dinâmica modificada pela “secura do rio” à jusante do paredão principal. Estas são algumas das conseqüências possíveis.

suas vidas, mas de aspectos (muitas vezes fundamentais) de sua vida. Este é a linha condutora do assédio. Algo muito preocupante se notou nesta ida à região da Volta Grande do Xingu: o desconhecimento geral sobre possíveis conseqüências da obra. Sintetizamos algumas impressões:

- 1) Primeiro ela aparece como algo inexorável. Como uma batalha descomunal entre a Eletronorte, como proponente das obras e de outro lado a população que se coloca reticente. Foi comum ouvirmos posicionamentos como: “se fizermos uma votação, claro, todos seríamos contra a obra, mas isto não vai ser resolvido aqui...”
- 2) As populações manifestam que tem pouca informação sobre a obra e dimensões das conseqüências para as localidades. Por exemplo, na comunidade da Vila da Ressaca não tinham a dimensão que o transporte entre Altamira e a Vila, algo cotidiano e fundamental, seria interrompido. Também não tinham conhecimento de que não estariam englobados na “categoria” de atingidos
- 3) Não tinham a dimensão de que uma obra desse porte já havia sido abandonada por um conjunto de ações de

- movimentos de ribeirinhos, indígenas e ONGs em 1989 (antigo projeto de Kararaô)
- 4) Recebem visitas freqüentes de “gente da Eletronorte” que informa pouco sobre o que pode acontecer, mas impõem possibilidades como fatos consumados do tipo: a barragem vai ser construída aqui, o dique ali, providencie a regularização de sua terra, pois só assim poderá ser indenizado.
 - 5) A polêmica técnica não é comentada (energia firme insuficiente e inconsistente coma propaganda da potência instalada). Trata-se de uma confusão terminológica que apresenta energia firme como potência instalada e no final das contas a obra se tornaria inviável economicamente e tecnicamente já que a vazão natural do rio não supre a energia firme propagandeada nos números do estudo de viabilidade
 - 6) As populações não sabem se serão indenizadas, para onde irão, quem poderá ser indenizado, quem não poderá
 - 7) Há um desequilíbrio quanto aos meios de divulgação: Enquanto ONGs e movimentos contrários à obra têm uma imensa dificuldade de articular reuniões, divulgar seus posicionamentos, ter acesso aos meios de

comunicação, elaborar mapas próprios (que são muito importantes para o entendimento da dinâmica regional), os proponentes da obra e seus serviços de consultoria dispõem de recursos suficientes para varrer longos percursos nos rios e nas estradas sem grandes entreveros, patrocinar eventos públicos, aparecer com destaque na mídia

- 8) Há, pelo que pude notar, uma estigmatização das populações indígenas que simultaneamente são vistas com curiosidade pelos habitantes da cidade, mas também com desconfiança. Presenciei (em maio de 2008) uma agressão gratuita a um índio que comigo e com o casal Cunningham⁶ conversava na orla de Altamira por um jovem embriagado que lhe desferiu uma seqüência de bofetões. Agressões deste tipo são comentadas por algumas pessoas como freqüentes.
- 9) Parece ser identificável uma segmentação das discussões: as terras indígenas são tratadas de uma forma pelos empreendedores, os ribeirinhos de outra e os habitantes da cidade de outra. No nosso

⁶ Patrick e Sue Cunningham. Casal inglês que percorreu os 2,7 mil quilômetros do Rio Xingu, e visitou 48 aldeias entre o Mato Grosso e o Pará no ano de 2007

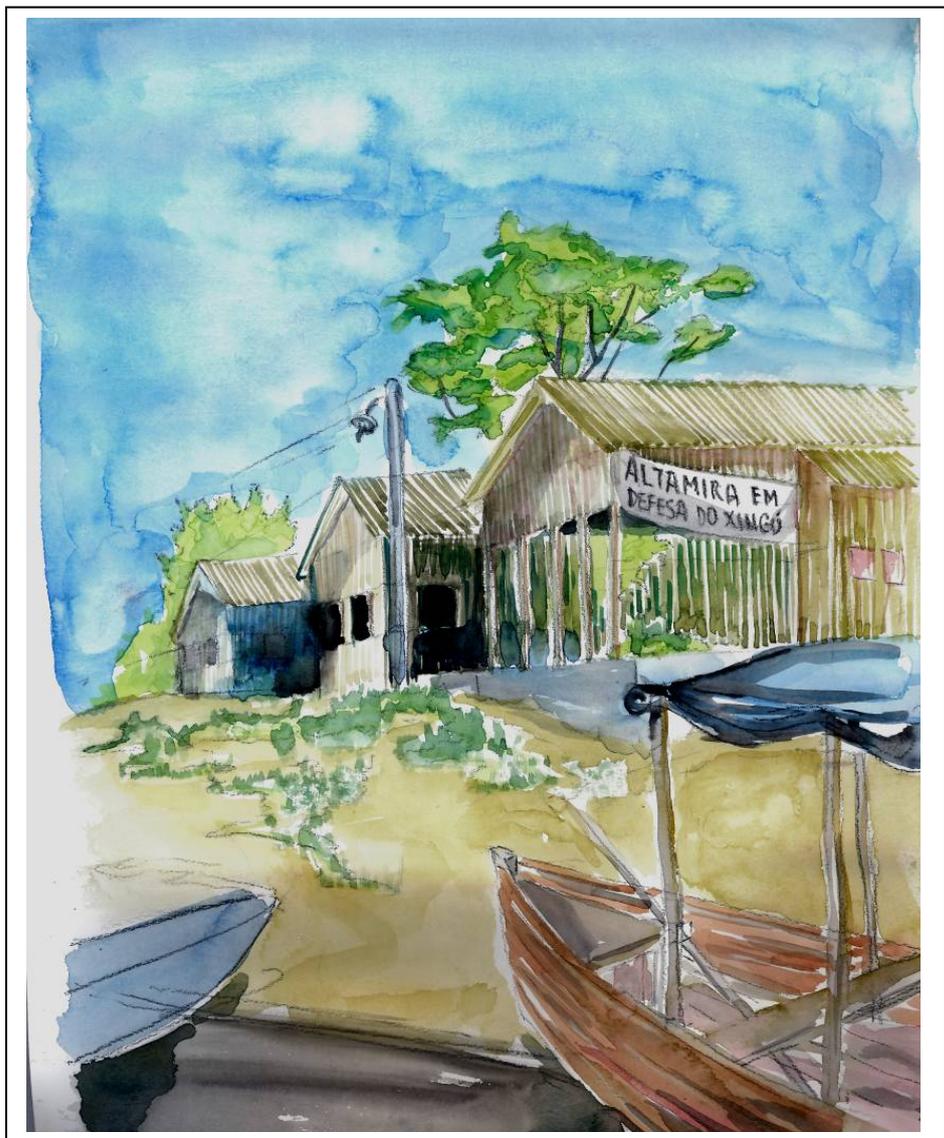
entendimento isso possibilita a desagregação de uma visão de conjunto das conseqüências da obra e da dinâmica local e trabalha no sentido de enfraquecer uma aliança entre os grupos seja no aspecto de discutir e caracterizar quem são potencialmente atingidos, seja na compartimentação das discussões quanto a indenizações e problemas fundiários mais gerais da região.

Desta experiência “relato” surgem constatações, pessoais e coletivas de que existe carga desproporcional dos efeitos: a parcela humana que abre mão de seus modos de vida por “um interesse maior” da sociedade tem seus modos de vida drasticamente alterados, podem ter deslocamentos compulsórios para regiões urbanas sem condições adequadas (a história da hidreletricidade brasileira e suas conseqüências sociais demonstra estas possibilidades como probabilidades altas).

Uma outra desproporcionalidade é clara, evidente. Se manifesta nos recursos políticos que os variados grupos e interesses dispõem para satisfazer seu conjunto de necessidades. Um mosaico de mecanismos seletivos apreço: como uma opção é construída em detrimento de outra; o

consórcio de municípios como posição institucional; a segmentação social; ONGs e movimentos sociais pelo protagonismo de oposição ao empreendimento e fundamentalmente o assédio por uma empresa com muitos recursos políticos, muita estrutura administrativa e de assessoria e um histórico de presença na região através da implantação de outros projetos hidrelétricos na Amazônia.

A impressão residual em forma de dúvida não é otimista: torna-se irreconciliável o encontro do homem com outro homem, necessidade essencial que é puro reconhecimento e possibilidade da permanência da condição humana?



Vila Ressaca

ENSAIOS

Amazônia: do gênesis ao apocalipse.

Irineu Barreto

I.Os homens comandam o rio

Na Amazônia, a moto-serra não serve apenas para derrubar árvores. “Conduz teu carro e teu arado sobre os ossos dos mortos” é um dos provérbios do inferno mais posto em prática na “floresta urbanizada”. Porém, se há um inferno, ele não é apenas verde. Os demônios não seriam verdadeiros pintores. O inferno não pode ser apenas verde, de acordo com

um outro provérbio segundo o qual “o tolo não vê a mesma árvore que o sábio”.

Na Amazônia, o rio não é considerado apenas como fonte de vida – o rio que comanda a vida, na expressão de Leandro Tocantins¹ - ele é também o depósito de tudo o que a sociedade rejeita e do que ela destrói. Inclusive dos restos humanos², no grau mais extremo de desumanidade. Mas seja de modo contínuo, ou concebido como um processo de evolução por estágios qualitativamente diversos, as relações desumanas com o ambiente, meio ou fim, são parte da estrutura social amazônica.

Deixemos bem claro que por relações desumanas com o ambiente entendemos o uso e a exploração dos recursos naturais conforme um paradigma (modelo) científico de submissão da natureza ao homem, apoiado em representação social³ equivalente. Esse modelo e essa representação não consideram que a natureza é um fim para si mesma, logo pretendem destituí-la de sua liberdade, que é a sua própria essência⁴. Do ponto de vista econômico, tal desconsideração pela liberdade da natureza está bem expressa em Ab’Sáber: “As chamadas classes produtoras vêm na natureza apenas os recursos que interessam ao tipo de atividades a que se

¹ Tocantins, Leandro. O Rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.

² Em maio de 2007, depois de serem mortos por asfixia, os corpos de dois irmãos da família Novelino foram jogados na baía do Guajará. Após seis dias de busca, o Corpo de Bombeiros localiza o primeiro corpo a 12 metros de profundidade. Havia correntes em volta do pescoço, e o cadáver estava preso a um balde com concreto e a uma âncora.

³ Moscovici, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

⁴ “Em metafísica, a essência, por oposição aos acidentes, constitui o fundo da coisa e torna-a tal qual é.” Durozoi, Gerard. Dicionário de Filosofia. Campinas, SP: Papirus, 1993.

dedicam(...) comportando-se com uma insensibilidade plena em relação à predação dos componentes que se encontravam em combinações integradas no meio ambiente”⁵. Tal conceito permite a compreensão de ampla gama de fatos sociais e fenômenos culturais característicos da região amazônica – não apenas dela, é óbvio - que são interpretados socialmente de acordo com aquele paradigma e aquela representação social. Um dos fatos sociais recorrentes na história da Amazônia, desde a época colonial, é o processo de destituição da liberdade humana como meio de exploração dos recursos naturais. A degradação da natureza é associada à degradação do ser humano. Ou seja, à escravização.

No século XVII, no Estado do Maranhão e Grão-Pará, divisão administrativa estabelecida pela Coroa Portuguesa para a colonização do Norte do Brasil, “a vida dos moradores estava apoiada no trabalho escravo dos índios”.⁶ O padre Antônio Vieira, que vivenciou o cenário amazônico daquela época, e que defendeu os índios “contra os abusos dos senhores”⁷, dá-nos o testemunho da dinâmica das relações entre colonos, nativos, e meio ambiente:

Todos os índios deste Estado, ou são os que vos servem como escravos, ou os que moram nas aldeias do el –rei como livres, ou os que vivem no sertão em sua natural, e ainda maior liberdade (grifo nosso): os quais por esses rios (grifo nosso) se vão comprar ou resgatar(como dizem) dando o piedoso nome

⁵ Ab’Sáber, Aziz Nacib. *A Amazônia: Do Discurso à Práxis*. 2. ed, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p. 13.

⁶ Paim, Gilberto. *A Amazônia de Pombal sob ameaça*. Rio de Janeiro: Editorial Escrita, 2006, p. 29.

⁷ Verdasca, José (org.). *Sermões escolhidos do Padre Antônio Vieira*. Editora Martin Claret, 2003.

de resgate a uma venda tão forçada e violenta, que talvez se faz com a pistola nos peitos.⁸

Ao argumento dos colonos segundo o qual sem a escravização dos nativos, a sociedade não teria como produzir os bens necessários à sua subsistência, o padre Vieira propõe que os próprios colonos trabalhem para sobreviver e sair da pobreza em que se encontram:

(...) Quem nos há de ir buscar um pote de água, ou um feixe de lenha? Quem nos há de fazer duas covas de mandioca? Hão de ir nossas mulheres? Hão de ir nossos filhos?(...) digo que sim, e torno a dizer que sim que vós, que vossas mulheres, que vossos filhos, e que todos nós nos sustentássemos dos nossos braços, porque melhor é sustentar do suor próprio que do sangue alheio.⁹

Até a segunda metade do século XIX, a região amazônica, de economia baseada no extrativismo das especiarias da floresta, mantém-se restrita a um papel secundário no conjunto das atividades econômicas brasileiras¹⁰. Esta base econômica conferia à Amazônia, dentro do contexto da empresa colonial, um conjunto de características ímpares.¹¹ Enfatizemos, todavia, que se os produtos – o cravo, a canela, a

⁸ Sermão da Primeira Domingo da Quaresma ou das Tentações pregado na cidade de São Luiz do Maranhão em 1653.

⁹ Idem. A ironia é que os jesuítas competiam com os colonos e com o poder público pela exploração da mão-de-obra indígena, mas isso não diminui o mérito da exortação cristã.

¹⁰ Para os propósitos modestos deste ensaio, indicamos ao leitor a consulta a dois clássicos da história econômica, Caio Prado Júnior e Celso Furtado.

¹¹ Prado Júnior, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 211.

castanha, a salsaparrilha, o cacau, a madeira, a tartaruga e o peixe-boi¹² - e o modo de vida e trabalho são particulares de uma região, o processo todo estava subordinado ao sistema de comércio de exportação. Mas o que isso significa?

Se, do ponto de vista econômico, a exploração dos recursos naturais da Amazônia, durante o período colonial e nas décadas seguintes à Independência, apresentou “resultados parcos”, de “expressão comercial mínima e em quantidades restritas”, segundo Prado Júnior, seu impacto sobre o meio ambiente e a população nativa não foi nada desprezível. Ao expor a importância da pesca na Amazônia, Prado Júnior informa que:

Mais frequentemente contudo, e mais importantes, são os pescueiros fixos, que às vezes atingem grande vulto, como o maior de todos, o do Lago Grande de Vila Franca, na atual cidade deste nome, onde em dois anos se mataram só de tartarugas e peixes-bois, 8500 exemplares¹³.

O estudioso e os leitores de modo geral devem ter em mente que determinadas visões da Amazônia expressas pelos clássicos de nossas ciências sociais e de nossa literatura, se inserem em um contexto de comparação estritamente econômica – modos de produção, renda total, etc. - entre as diversas regiões e sub-regiões brasileiras. É nesse contexto que se pode entender a idéia de que na Amazônia “o Homem se amesquinha. A luta requer esforços quase ilimitados, se quiser ir além da dócil submissão às contingências naturais”¹⁴. A matança de tartarugas e peixes-bois subordinada à empresa

¹² Idem.

¹³ Prado Júnior, op.cit. p. 215.

¹⁴ Idem, p.212.

colonial não nos parece indicar uma “dócil submissão às contingências naturais”.

Quando, ao final do século XIX, o Brasil começa a receber grande número de imigrantes europeus para o trabalho nas lavouras cafeeiras, dando início ao processo de modernização das relações de trabalho no país e, posteriormente, à industrialização concentrada no sudeste, a Amazônia, em função da exploração da borracha, matéria-prima da floresta, conhece o influxo de trabalhadores nordestinos, mão-de-obra nos seringais. Eram as vítimas do “desequilíbrio estrutural” da economia do Nordeste aliado ao flagelo da seca.¹⁵ Comparando a situação do imigrante nordestino na Amazônia à do imigrante europeu no sudeste, Furtado enfatiza as condições desumanas às quais se sujeitavam os futuros seringueiros:

A situação do nordestino era bem diversa: começava sempre a trabalhar endividado, pois via de regra obrigavam-no a reembolsar os gastos com a totalidade ou parte da viagem, com os instrumentos de trabalho, e outras despesas de instalação. Para alimentar-se dependia do suprimento que, em regime de estrito monopólio, realizava o mesmo empresário com o qual estava endividado e que lhe comprava o produto. As grandes distâncias e a precariedade de sua situação financeira reduziam-no a um regime de servidão.¹⁶

¹⁵ Furtado, Celso. Formação Econômica do Brasil. 20.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985, p. 133.

¹⁶ Idem, p. 134.

“O seringueiro – escreve Euclides da Cunha – realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se.”¹⁷

O seringueiro submetia-se às degradantes condições de trabalho, dentro de um sistema que subsumia o meio ambiente amazônico à indústria capitalista.

O boom econômico vivido pela região entre 1870-1910 provocou transformações sociais e culturais nas capitais do Pará e do Amazonas, em função do desejo das elites de imitarem o estilo de vida europeu:

(...) a cidade de Belém do Pará, apresentaria assim, a partir da segunda metade do século XIX, tentativas de adaptação aos modernos costumes europeus, num profundo contraste com a realidade amazônica, além das tensões sociais geradas por uma nova ordem social capitalista emergente.¹⁸

Manaus, por sua vez, era conhecida como a “Paris da Floresta” no começo do século passado.

Do que dispunha o seringueiro para seu trabalho de servidão na floresta? Já bem avançado o século XX, durante e depois da “Batalha da Borracha”, a situação era praticamente a mesma que a do final do século XIX.¹⁹

¹⁷ Cunha, Euclides da. Um paraíso perdido: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.36.

¹⁸ Sarges, Maria de Nazaré. Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque(1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2000, p. 23.

¹⁹ Moro, Javier. Fronteiras de Sangue: a saga de Chico Mendes. 1.ed. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1993. O leitor encontrará neste magnífico relato

Na Belém da Belle-Époque, os grupos enriquecidos com a exploração dos seringueiros e da floresta desfrutavam de um estilo de vida que de “amazônico” tinha somente a origem dos seus lucros:

Para seu entretenimento, mandavam buscar companhias artísticas na França, em Portugal e Rio de Janeiro, que fizeram época no Teatro da Paz. Calcula-se que de fevereiro a dezembro de 1878, foram apresentados no Teatro, aproximadamente 126 espetáculos. Em decorrência desse vaudeville, surgem inúmeras casas de diversões, como Café Chic, Café da Paz(local preferido de reuniões para discussão política), Moulin Rouge, Chat Noir, Café Madri e Café Riche, este último considerado um dos principais centros da sociedade paraense(...) os “coronéis da borracha” davam-se ao prazer de ter suas cocottes(prostitutas de luxo), muitas delas européias(...) frequentadoras das sessões das sextas-feiras do Cinema Olímpia onde exibiam os vestidos luxuosos que mandavam buscar na Europa e jóias da Casa Krause. Os “coronéis da borracha”, embora dependentes financeiramente de Londres e Estados Unidos, estavam culturalmente ligados a Paris, uma das cidades-pólos da Belle-Époque, cidade símbolo da fase áurea da modernidade.²⁰

Esta longa citação nos parece necessária para a compreensão da idéia de relações desumanas com o ambiente, que engloba as relações entre grupos humanos. Aos elementos da exploração da natureza e do homem, soma-se um elemento cultural muito importante: a diferenciação radical entre os

da história de Chico Mendes, detalhes vívidos e impressionantes da vida dos seringueiros na Amazônia.

²⁰ Sarges, op.cit, p.55.

modos de vida das diversas classes sociais que vivem da mesma base econômica, mas com papéis e poderes contrastantes entre si. O conflito entre modos de vida tão profundamente desiguais do ponto de vista econômico, pode se voltar contra o seu próprio substrato. Mas a manutenção do sistema como um todo depende de uma série de fatores, tanto endógenos quanto exógenos. A divisão entre as classes pode levar às lutas por reformas dentro da própria sociedade e/ou o sistema capitalista pode se transformar em seus principais pólos, causando uma desestruturação de uma economia dependente desses pólos.

Na dimensão cultural, o fausto da borracha consistiu num “processo comparativo depreciador da cultura local”, segundo Paes Loureiro, nele se originando “concepções estigmatizadoras da cultura local, vista como inferior, primitiva e ‘folclórica’, tendo o folclore, nesse caso, o sentido rebaixado de cultura primária, superficial e puramente lúdica. rica, tendo imitativa e ' cooor da cultura local”²¹

No caso das relações das cidades amazônicas com o rio, em particular nos grandes núcleos urbanos, a histórica desigualdade social responde pelo uso majoritariamente privado da orla, e pela degradação do ambiente hídrico porque o rio, e as áreas alagadas, são negados pelas elites regionais pela sua caracterização como ambiente de moradia e trabalho das populações nativas.²²

A elite, porém, não desempenha um papel de simples negação da realidade local. Alguns de seus representantes mais

²¹ Paes Loureiro, João de Jesus. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001, pp. 81-82.

²² Este é o ponto de vista de vários cientistas sociais amazônidas que pode ser conferido no documentário de Jorane Castro, *Belém Cidade das Águas*. Cabocla Produções.

sensíveis, envolvidos em lutas sociais, políticas e culturais ao lado das classes populares, conseguem expressar, às vezes, por meio da poesia e da ficção, as grandes contradições da sociedade amazônica:

A cidade apartada não pode ver o rio.

como uma casa fechada em busca de si mesma,

por entre as cinzas de um altar em chamas.

uma casa latejando de memórias.

Como um rosto sem face

a cidade obstruída não pode ver o rio.

Como um ventre infecundo

lacrado em seu inútil desespero,

não pode conceber o amor do rio.²³

II. Da “Terra sem História” à história de uma sociedade

O processo contemporâneo de exploração econômica que começa a ocorrer na Amazônia brasileira a partir dos anos 60, e que gerou tantos conflitos sociais e degradação ambiental,

²³ Paes Loureiro, João de Jesus. Artesão das águas (poesia). Belém: Edições NUAR, 1993, p. 50.

tem, do ponto de vista histórico, uma importância crucial: fez com que a região passasse a ser vista e pensada como sociedade histórica, não mais como a “terra sem história”, um espaço da natureza hostil ao ser humano, no qual o mesmo ocupava um papel secundário, submisso à ordem natural, no seio de uma ordem social tradicional. Os amazônidas, os brasileiros e as pessoas no mundo todo voltadas para este tema, agora sabem que o que é hostil é o conjunto das relações sociais que compõem em sucessão secular a tessitura da narrativa de uma terra com história.

Essa mudança de perspectiva em relação à primeira metade do século XX foi muito bem expressa pelo escritor Márcio Souza quando afirmou que a Amazônia, “como prova sua história, é uma região acostumada com o moderno.” E uma das conseqüências mais positivas desta nova perspectiva é a possibilidade de construir na região “outras formas de relações e instituições interpessoais”.²⁴

Mas um acréscimo essencial precisa ser feito às ciências sociais nesta primeira década do século XXI. Ao contrário do que pensava, por exemplo, Norbert Elias no final dos anos 30, as ciências sociais precisam levar em conta, nas análises das transformações sócio-históricas, as mudanças do clima, pois o que têm se alterado não é apenas “o ambiente que as pessoas formam umas para as outras”.²⁵

Nas primeiras décadas do século XX, em primeiro lugar estabelecia-se a análise das condições ambientais amazônicas como elementos que se impunham às populações da região. A ciência, de cunho positivista, era complementada por uma

²⁴ Elias, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, p.42.

²⁵ Elias, Norbert. Op.cit. p.45.

representação social que “ancorava” a estranha e perturbadora Amazônia nas imagens familiares da cultura ocidental.²⁶ E nem sempre ocidental no sentido de oriundo de sociedades da Europa ocidental, pois há relações entre o discurso sobre a natureza amazônica elaborado por europeus e brasileiros e mitologias indígenas da região.

Werner Herzog inicia sua narrativa sobre a Amazônia da Belle Époque, em Fitzcarraldo, com uma referencia a um mito indígena que denomina a região como “a terra onde Deus não terminou a criação”. Segundo tal crença, somente após a extinção do Homem, a Divindade retornaria a fim de concluir sua obra... Em 1904, Euclides da Cunha publica *Contrastes e Confrontos*, livro no qual se encontram relatos de sua experiência na Amazônia, que revela a estreita correspondência entre ciência e representação social: Euclides da Cunha supera a experiência frustrante de encontrar na Amazônia uma paisagem “tão desnuda e monótona” somente após a leitura de uma monografia produzida pelo botânico Dr. Jacques Huber, pesquisador no Museu do Pará (atual Museu Emílio Goeldi):

Deleitreei-me a noite toda: e na antemanhã do outro dia – um daqueles glorious days de que nos fala Bates, subi para o convés, de onde, com os olhos ardidos da insônia, vi, pela primeira vez, o Amazonas...

Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira. A própria superfície lisa e barrenta era mui outra. Porque o que se me abria às vistas desatadas, naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas, lembrava(ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do Gênesis.

²⁶ Para uma análise das relações entre ciência e representação social, ver Moscovici, obra citada, capítulo 1.

Compreendi o ingênuo anelo de Cristóvão da Cunha: o grande rio devera nascer no Paraíso...²⁷

Na mitologia judaico-cristã, o homem surge como criação divina dentro de um “paraíso de delícias”, também criado por Deus. Mas a experiência do ser humano no paraíso é trágica: o primeiro homem e a primeira mulher acabam sendo expulsos do paraíso das delícias. O homem não cultivara, não guardara a terra das maravilhas com a devida fidelidade aos princípios divinos. Enfim, a narrativa sobre o ser humano vivendo em perfeita harmonia com o ambiente é tão breve na Bíblia que a cultura judaico-cristã tinha que imaginar o paraíso com mais detalhes, e ela o fez de inúmeras formas ao longo de milhares de anos.

Permanece, porém, a imagem do Paraíso como uma terra sem história, pois dele o homem foi expulso sem que houvesse tempo de fazer a história. E mantém-se, como representação religiosa e social a imagem ambígua do Paraíso: o lugar que não pertence ao homem, lugar ao qual o homem não pertence; também destino futuro do homem. O Paraíso é a utopia absoluta.

É nesta representação social que, em parte, Euclides da Cunha ancorou a sua imagem da Amazônia. E dela deriva o papel do ser humano na região:

A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem

²⁷ Cunha, Euclides da. Obra citada, p. 4.

querido – quando a natureza ainda estava arrumando seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem...²⁸

O intruso logo passa a adversário da natureza – numa sutil correspondência com o pretense cultivador que, por não saber cultivar, acaba sendo expulso:

Aquela natureza, soberana e brutal, em pleno expandir de suas energias, é uma adversária do homem.

(...) Daí, em grande parte, a paralisia completa das gentes que ali vagam, há três séculos, numa agitação tumultuária e estéril.²⁹

Como fazer história, estando paralisado? E que valor pode ter para o país, para o Estado que em breve ver-se-á como um instrumento de modernização, gentes paralisadas, ou nômades, que não cultivam, que não ocupam a terra permanentemente, ocupação que é o pressuposto da soberania do Estado sobre o território?

III. Da sociedade histórica ao fim da história amazônica: apocalipse now?

Esta sociedade histórica, ou melhor, sua representação predominantemente histórica, tem como fonte o acelerado processo de tentativa de consolidação de um modelo de modernização iniciado nos anos 60 que gerou, juntamente

²⁸ Cunha, Euclides da. Obra citada, p. 26.

²⁹ Cunha, Euclides da. Obra citada, pp. 34-35.

com os grandes projetos, os enormes problemas ambientais e sociais. Na concepção dos sucessivos governos militares, a região amazônica, ainda representada, convenientemente, como a - histórica, é considerada um “espaço vazio” e improdutivo, um espaço a ser explorado em seus recursos pelas “classes produtoras”, empresas nacionais e multinacionais, o Estado. Dava-se início a um novo ciclo de crescimento econômico na região, hoje caracterizada pelos economistas como região que alterna ciclos de boom e colapso. Segundo Furniel:

“A ocupação da Amazônia, a partir da década de 70, faz parte de um projeto geopolítico da elite dirigente do país para superar o subdesenvolvimento”³⁰.

Considerada a partir de então uma “fronteira de recursos mundial”, a Amazônia brasileira se constitui num espaço de exploração de seus recursos por um pequeno número de grandes empresas, com apoio político e financeiro do Estado, visando à produção para o mercado externo. O investimento do Estado e da iniciativa privada, do capital internacional, em grandes projetos de mineração gerou um intenso movimento migratório para a Amazônia, transformando-a numa das áreas de maior tensão social e degradação ambiental. O avanço das frentes pecuária e madeireira produziu devastação florestal e conflitos pela posse da terra. Gerou também um crescimento econômico notável: 4,2% ao ano, em média, entre 1960-1996, enquanto o Brasil crescia 2,8%, em termos de PIB per capita. E mais notável ainda é o fato de que em 1990, na Amazônia Legal, 45% da

³⁰ Furniel, Ana. Amazônia – A ocupação de um espaço: Internacionalização x Soberania Nacional (1960-1990). Dissertação de Mestrado. PUC – SP, 1993, p.10.

população encontravam-se abaixo da linha da pobreza extrema. A mesma porcentagem em 2005. E 35% dos amazônidas vivem em situação de “insegurança alimentar”.³¹

Quando não são escravizados, quando não são perseguidos e assassinados em conflitos agrários, os trabalhadores vinculados aos setores que exploram os recursos naturais, muitas vezes se sujeitam a condições de trabalho desumanas. Segundo a socióloga Edna Castro:

Sob um discurso do progresso, usinas do Programa Grande Carajás reproduzem condições subumanas no mundo do trabalho na Amazônia.³²

E mais:

O discurso ambientalista oficial obscurece que é impossível frear a degradação ambiental sem oferecer solução aos graves problemas sociais enfrentados no cotidiano das populações regionais.³³

A Companhia Vale do Rio Doce, de acordo com as investigações do jornalista Lúcio Flávio Pinto, “desrespeita os direitos do trabalhador”:

Das 23 mil pessoas que trabalham atualmente em Carajás, apenas 10% é de contratados diretamente pela CVRD. Mais de 20 mil trabalhadores foram recrutados por 175 empreiteiros, que terceirizaram a maior parte dos serviços,

³¹ Esses dados foram apresentados pelo ex-governador do Pará, Simão Jatene, durante sua palestra no Simpósio Internacional da Amazônia realizado entre os dias 12 e 14 de junho de 2007 em Belém, Pará.

³² Fronteira Carajás. Documentário de Edna Castro. Cabocla Produções, Belém, 1991.

³³ Idem.

sobretudo os mais pesados e menos qualificados. Há turnos de seis, oito e 12 horas. Os intervalos para descanso e convivência familiar ficam ainda mais reduzidos porque os empregados perdem de duas a quatro horas indo ou voltando para suas casas. A distância, no caso dos que moram fora do núcleo residencial de Carajás, passa de 30 quilômetros.

Para a Vale, o cenário é como se fosse de uma cidade comum. Por isso, se recusa a pagar o trajeto como hora extra de trabalho. Esse é o principal motivo de mais de 90% das 8 mil reclamações protocoladas na 1ª vara da justiça trabalhista de Parauapebas nos últimos 18 meses (o congestionamento já provocou a criação de uma segunda vara para o município).³⁴

Os sociólogos e historiadores da região amazônica já mostraram, mas é bom lembrar: os operários e trabalhadores em geral, ligados aos setores de exploração dos recursos naturais trabalham em péssimas condições, são mal-remunerados, e vivem nas periferias que não dispõem de coleta de lixo, não contam com sistema de esgoto, sendo obrigados a conviver de perto com a imundície e a poluição. É bom lembrar também que os piores índices no que diz respeito à situação do esgotamento sanitário nas grandes cidades brasileiras são apresentados por Belém, Manaus e Rio Branco.³⁵

Ao citar a situação desses trabalhadores, as imagens que o autor tem em mente são as do cotidiano das Marias da

³⁴ Flavio Pinto, Lúcio. *Jornal Pessoal*. Outubro de 2007, 2ª quinzena, n.º. 403, ano XXI, p. 2.

³⁵ Whately, Marussia. *Haverá água para todos? Le Monde Diplomatique Brasil*, Ano 2, n.º. 6, janeiro 2008, p. 4.

Castanha, as operárias protagonistas do filme de Edna Castro. Mães solteiras, cheias de filhos para criar com o salário mínimo – isso no caso de alcançarem a produção exigida pelo patrão. Desempregadas entre uma safra e outra da castanha, elas viram empregadas domésticas, costureiras, ou “caem na vida” para se sustentarem até seu retorno à fábrica.

E aquelas “marias” me recordam de uma em particular, a Maria de todos os rios, personagem do romance homônimo do escritor Benedicto Monteiro.

O romance é uma fábula sobre a Amazônia em processo de modernização, momento histórico vivido e narrado por uma mulher chamada Maria. A modernidade está expressa desde as primeiras linhas do romance, pois Maria narra suas aventuras para uma socióloga, que não é propriamente uma interlocutora da protagonista, é mais um símbolo das atenções que a Amazônia começa a despertar na segunda metade dos anos 80, desencadeando uma série de estudos acadêmicos sobre as sociedades regionais, particularmente de seus conflitos socioambientais.

A trajetória dessa mulher amazônica inicia de maneira dramática por um acontecimento traumático: a morte da mãe de Maria. O leitor depois percebe que a morte da genitora equivale, na ficção, a um segundo nascimento para a filha, porque é a partir daquele falecimento que Maria se vê, de súbito, sozinha no mundo, ou melhor, na Vila da Barca, em Belém. Seu único irmão, Raimundo, vive embrenhado na floresta derrubando árvores.

O segundo nascimento de Maria, às avessas, se caracteriza, ao contrário do nascimento biológico, pela introspecção absoluta, pelo “chorar para dentro”:

“E como sempre eu fazia, me acomodei num canto. E mais que me engasgava com aquele chorar manso, entrecortado de um grito surdo que explodia por dentro de mim. Mas não saía pra fora. Era assim como se eu fosse ter um filho às avessas.”³⁶

Ter “um filho às avessas” é a expressão que revela ao leitor, e oculta da consciência da personagem, que é ela própria que está sendo parida às avessas nas primeiras páginas do romance.

A trajetória de Raimundo, irmão de Maria, também representa, de maneira singular, individual, um caminho coletivo, trilhado por inúmeros amazônidas e brasileiros ao longo das últimas décadas de modernização da região. Raimundo passou a infância perto do rio e da mata, atravessando mangues e igapós em sua montaria. A floresta

“Ele conhecia palmo a palmo: pau por pau, vereda por vereda.”³⁷

O conhecimento da floresta, adquirido na infância, Raimundo utilizaria anos mais tarde em seu serviço de motosserrista em uma fazenda. O jovem que, segundo Maria, amava as árvores, que falava destas “como se fosse de pessoas que ele encontrasse nessas distâncias”, finda seus dias embriagando-se com cachaça e derrubando árvores:

“Bebia paresque para derrubar as árvores que ele tanto gostava.”³⁸

³⁶ Monteiro, Benedicto. *Maria de todos os rios*. Belém: CEJUP, 1992, p.12.

³⁷ Idem, p.8.

³⁸ Idem, p.10.

O motosserista morre esmagado por uma árvore, e seu corpo talvez “tenha virado fogo na queima do roçado”, pensa Maria.

E se o corpo queimou no roçado, Raimundo eleva-se, na ficção, ao plano das personagens que são imoladas em nome de uma crença, de um valor maior que a ganância.

Com a perda dos parentes mais próximos, Maria tem que começar a sobreviver por conta própria. “O que restava – diz ela – era eu mesma com a minha ignorância e a minha mocidade. Aí que eu fiz o inventário dos meus préstimos, o que eu era e o que eu sabia fazer? – cozinhar, lavar, plantar mandioca e cuzicar as minhas roupas. De que valia esse saber ali naquele quarto imprensado e trepado por cima do alagado? Vi que estava sozinha no mundo, só mesmo com meu corpo.”

Abandonada na beira da estrada, numa “casa de mulheres”, num ambiente em que sua cultura cabocla não lhe permitiria sobreviver, resta a Maria “avaliar seus predicados”, fazer o “inventário” da sua carne, enfim, pôr à venda seu “corpo de morena clara e olhos gateados”.

Depois de certo tempo vivendo como meretriz de beira de estrada, Maria decide “procurar outro rumo na vida”. Dirige-se à rodoviária com o objetivo de entrar num ônibus que a levasse para muito longe. Então:

“A Transamazônica, me lembrei; sempre ouvia falar que a Transamazônica ficava nos confins do mundo. Olhei as escalas que estavam marcadas na agência: Marabá, Altamira e Itaituba. Escolhi logo Itaituba. Era um nome que eu nunca tinha ouvido paresque.”

Maria, porém, não chega a Itaituba porque, no meio da viagem, conhece um homem que lhe fala sobre o garimpo de Serra Pelada:

“Lá corria ouro, ele dizia, ouro vivo que o pessoal mesmo catava no chão bruto.”

Impossibilitada de entrar no garimpo, Maria se fixa na Vila de Curionópolis. A cidade é dominada pela figura do major Curió

“(…) que mandava na Serra Pelada por ordem do Presidente da República. Ele mandava e desmandava. Na serra, ele mandava prender, surrar, expulsar e raspar os cabelos, quando eram ladrões ou veados”.

A experiência de Maria em Curionópolis é uma expressão da ausência do poder estatal na região, fenômeno político e social que tem sido reiteradamente denunciado por cientistas, jornalistas e líderes de movimentos sociais:

Naquele pedaço, esse tal de major Curió, mandava mais que o Governador do Estado, e que o Prefeito do Município. Ele era um major do Exército. Disque ele era do Serviço Secreto. Ele tinha sido o maior combatente contra as guerrilhas do Araguaia. A guerrilha dos comunistas.³⁹

Maria de todos os rios é também de todos os homens - garimpeiros, grileiros, trabalhadores do Projeto Carajás:

Por causa da minha fama de olhos verdes, eu sempre conseguia uma freguesia mais selecionada. Mira(a dona da

³⁹ Monteiro, Benedicto. Op. Cit. p.39.

boate) mesmo se encarregava de me tornar difícil. Ela dizia que assim eu ficava mais desejada. Quando ela sentia que o cara tinha dinheiro ela cobrava uma taxa extra.⁴⁰

Prostituta, testemunha de crimes, relacionada com policiais e bandidos, Maria acumula ouro e dinheiro suficiente para mudar-se de vez do Pará. Quando percebe que a mina de Serra Pelada “não tinha mais futuro”, ela escolhe o Rio de Janeiro para recomeçar a vida. Agora, como ela diz, “uma mulher respeitável”, instala-se em um hotel em Copacabana. Torna-se “proprietária de academia de dança, ginástica aeróbica e de massagens unissex”. E muda o nome para Marily, por sugestão de uma numerologista e por achar o novo nome “mais de acordo com o Rio de Janeiro”.

A Amazônia de sua experiência e narrativa é um monte de corpos de machos que a exploraram e que ela também explorou, econômica e eroticamente; é o ouro que fez dela empresária bem sucedida no Rio de Janeiro; é imensidão de água e grandeza de verdes espalhados. Maria ou Marily, qual das duas é a mulher que se identifica, ao final do romance, com o mito das amazonas?

As amazonas representam para mim, a liberdade. São as únicas mulheres guerreiras do mundo. Livres e independentes(...) já imaginou a praia de Copacabana cheia de cavalos, montados por mulheres? Pois eu acho que consigo ver assim também, as minhas amazonas.⁴¹

Ambas, talvez. A Maria que “cavalcou” do Pará até o Rio de Janeiro, é a Marily que desfila por Copacabana,

⁴⁰ Idem, p.44.

⁴¹ Idem, p. 144.

orgulhosa de sua liberdade e independência. Mas envergonhada de sua origem pobre e de sua vida de meretrício.

É uma amazona que tem vergonha do seu cavalo.

IV. Réquiem para uma Floresta

2003. Sudeste do Pará. Uma quadrilha de ladrões de gado e madeira, liderada por “Nego Vil”, invade uma fazenda, rouba e espanca impiedosamente os moradores do local. Nego Vil, arrasta um vaqueiro até à margem de um igarapé, e, usando uma moto-serra, esquarteja o corpo do vaqueiro. Os pedaços são jogados no rio.

Parece ser apenas mais um dos inúmeros casos de banditismo comuns na região. Mas sem deixar de sê-lo, representa algo mais profundo. É a expressão, mais uma vez, daquela associação a qual nos referimos no começo deste ensaio. A destruição da natureza e a destruição física e espiritual da humanidade são dois nós de uma mesma teia. Uma teia que cai feito uma rede sobre a teia da vida, aprisionando-a. A vida debate-se na rede, enquanto seus algozes preparam-se para desferir o golpe mortal.

Não aprendemos com o materialismo histórico que “as representações e os pensamentos, bem como o intercâmbio espiritual dos homens são emanção direta do seu comportamento material”?

Das páginas do Gênesis chegamos, via caminhos da modernidade, ao Apocalipse? Da terra sem história desaguamos no fim da história da Amazônia?

De acordo com os cientistas, a manutenção do atual “modelo” de exploração - agropecuária, madeireira, associado às queimadas e à mudança no regime de chuvas - levará à destruição de 55% da Amazônia até 2030.

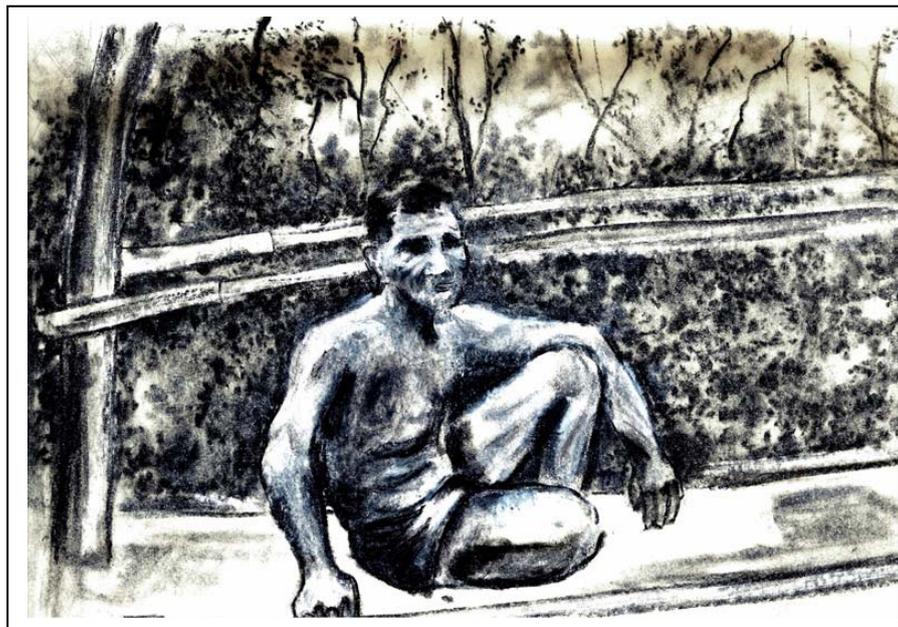
Uma reedição de *Contrastes e Confrontos*, de Euclides da Cunha, deve conter uma nota de rodapé informando ao leitor o seguinte:

No final da “página inédita e contemporânea do Gênesis” foi escrita, com fogo e sangue, a destruição da Amazônia, lamentada na terra, silenciada no céu. O que dá testemunho destas coisas, diz: Sim, venho depressa: Amém.

Irineu Barreto

Mestre em História Social

Professor de História da Ciência na Universidade do Estado do Pará.



Um historiador comunista¹?

Lidiane Soares Rodrigues²

A dinâmica de um pensamento crítico. Caio Prado Jr. (1928-1935), de Paulo Henrique Martinez, resultado de sua tese de doutorado, vem a lume pela Edusp (2008). O trabalho se dedica pacientemente à compreensão da experiência na base das escolhas intelectuais e políticas de Caio Prado Jr. Os anos que antecedem a concepção de Formação do Brasil contemporâneo merecem atenção do estudioso, que parece não querer deixar escapar nada que possa lançar luz à emergência

¹ Resenha do livro de Paulo Henrique Martinez. *A dinâmica de um pensamento crítico: Caio Prado Jr. (1928-1935)*. São Paulo: Edusp, 2008.

² Doutoranda do Departamento de História – FFLCH – USP.

da sensibilidade social do indivíduo em questão e à produção social do pensamento - contemplando inclusive a vivência no Colégio São Luís do ainda menino Caio Prado Jr., e a conformação de valores que modelam disposições como disciplina, obediência, senso de hierarquia, frutos de uma conduta jesuítica desde cedo incorporada.

Como esses anos de formação se concentram na década de vinte, não passam incólumes ao movimento modernista e à crise do regime político da primeira República. Identificar alguns núcleos dos quais emergem suas reflexões implicou deter-se em três âmbitos, concentrados no seu capítulo inicial, “Combates que tocam a imaginação”. Primeiro, a ambiência política e intelectual da São Paulo dos anos vinte e trinta, na sua configuração particular na Faculdade de Direito (1924-1928). Se o manuseio inteligente das fontes é salutar em todo o trabalho, nesta reconstituição em particular, a escassez de registros exigiu do autor ainda mais cuidado no desenho da fisionomia dos moços do Largo, na análise do discurso da imprensa e das lutas estudantis, para que extraísse o máximo de significações possíveis. Em segundo lugar, a ambiência sócio-cultural do modernismo, em especial a difícil equação entre originalidade e imitação – preocupações culturais típicas de culturas reflexas, que se entrevê na mescla responsável pela síntese entre marxismo e modernismo: um cosmopolitismo europeizado e um nacionalismo decidido. Por último, a investigação de sua passagem pelo Partido Democrático de São Paulo, ao qual esteve filiado entre 1928 e 1931, e por meio do qual esteve envolvido na derrota eleitoral de 1930. Por se tratar da primeira inserção partidária, cujo rompimento assinala a adesão ao Partido Comunista, propicia o entendimento da frustração, que alimenta o “impulso contra a ordem constitucional que assolou os democráticos”, e de certa disposição à ilegalidade – ânimo sem o qual não é possível imaginar a referida adesão.

O segundo capítulo do trabalho propõe o exame das articulações entre conhecimento histórico e política. Evolução política do Brasil, de 1933, é lido à luz das “inquietações políticas contemporâneas ao autor” (p.147), condicionadas pelo debate em torno da Revolução de 1930 “eixo, ao redor do qual gravitaram questões derivadas”. Nestes termos, é engenhosamente proposto um parentesco entre ele e O 18 Brumário de Luís Bonaparte, de Karl Marx. Ora, se é verdade que toda História implica análise do passado e projeto de futuro - tal como o quer Joseph Fontana - pode-se afirmar que há em Evolução, obra historiográfica. Por outro lado, uma anedota pode sinalizar uma indagação que emerge desse ponto.³ Perguntavam, os de outra geração, a Albert Soboul - o historiador da revolução francesa, homem da estirpe dos que se pode chamar *compagnon de route*: o senhor é um marxista historiador ou um historiador marxista? Respondia escolhendo, evidentemente, a segunda qualificação. Pois bem. Em Evolução, a preocupação de Caio Prado Jr. consiste em “identificar a natureza e o caráter das ‘revoluções populares’ do Império, apontando suas falhas e limitações”. (p.146) A “reconstrução da história política do Brasil da primeira metade do século XIX”, prestou-se ao “objetivo de gerar e orientar as ações no interior das lutas políticas contemporâneas à redação do livro”(p. 146), e, portanto, menos que “compreender e explicar o curso do passado”, era extrair lições da história que o interessava. Trata-se de delinear o “caminho do poder”, para “o triunfo das ‘revoluções’ de autêntico caráter popular”. Foi na “tentativa de balizar este caminho”, que Caio Prado emitiu suas avaliações da ação política pretérita. (p.147). Daí a “proclamada necessidade de organização, como via preferencial para uma eficácia política não completamente alcançada” pelas rebeliões regenciais (p.136-137). Com a

³ O professor Fernando Novais, com sua notável espirituosidade, gosta de contá-la.

licença da adaptação - convocada pela leitura em tela - daquela anedota, o homem que escreve Evolução é um historiador comunista ou um comunista historiador? A resposta parece evidente. E a indagação decorrente dela, também - como se dá a passagem para o historiador comunista? Não por acaso, suspeito, o terceiro capítulo do livro oferece condições para pensar sobre isso.

Novamente, Caio Prado Jr. estudante. Agora, da então recém criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, matriculado na primeira turma de alunos, de 1934, na 5ª Subseção – Geografia e História. Embora não tenha concluído o curso, pois foi preso em novembro de 1935, esta passagem merece atenção pela efervescência de idéias - reconstituída por meio dos anuários, revistas, registros do grêmio dos estudantes, depoimentos de ex-alunos e professores, currículos - que atende à dinâmica da “intensa dedicação para formular uma nova compreensão do quadro histórico que o país atravessava e, diante deste, as tarefas, possibilidades, limites e caminhos de atuação política e intelectual” (p.164), mote de Caio Prado Jr. nessa fase conclusiva de sua formação. Um aspecto a se destacar neste capítulo é a angulação oferecida para leitura de Formação do Brasil contemporâneo. Vinculada apressadamente pelo senso comum ao materialismo histórico, é inegável algo de Fernand Braudel - que a resenhou, inclusive - nesta obra, e o autor destaca Caio Prado Jr. como aluno dele. Abre-se nesse passo amplas sugestões acerca das possíveis conexões entre a interdisciplinaridade defendida pelos Annales como via preferencial para a reconstituição da totalidade histórica e o marxismo (p.200). Disputada - assim como a herança intelectual e simbólica de Caio Prado Jr. - por historiadores e geógrafos, Formação, é fruto de uma formação em que as variáveis tempo e espaço se conjugavam, não se eliminavam. Com efeito, até meados da década de 50, Geografia e História eram um curso só.

Duas críticas não podem deixar de ser feitas ao livro. O autor de explicações. Em primeiro lugar: por que correram dez anos entre a defesa e a publicação da tese? Ora, ela presta um serviço inestimável. Os anos 1924-1935 não são apenas pouco estudados no percurso de Caio Prado Jr., mas neles se encontra “a plataforma que o lançou na busca de um novo ideário e de uma interpretação do Brasil”. (p.89). As experiências primeiras desses anos constituem “momentos privilegiados de inflexão política e intelectual” (p.23) - nervura do exame de qualquer trajetória intelectual, em especial, quando se trata da virada de certo idealismo liberal para com a modernidade à adesão ao Partido Comunista, ao marxismo e à revolução. Afirmar – ponto nevrálgico – “Não foi o marxismo que direcionou Caio Prado Jr. para a ruptura, mas esta que desaguou no marxismo” (p. 87) não é possível sem uma inequívoca concepção das inter-relações entre ambiente social e produção de idéias. Daí a segunda queixa. É lamentável a supressão – talvez a única entre a tese original e a publicação que temos em mãos – da epígrafe. É providencial a reprodução das palavras, de cuja ausência nos queixamos - “poser ainsi, à propôs d’un homme d’une singulière vitalité, ce problème des rapports de l’individu et de la collectivité, de la initiative personnelle et de la necessite sociale que est peut-être, le problema capital de l’histoire” - pois o autor é insuspeitamente inspirado no livro de que as extrai, não se trata de um adorno bacharelesco. Elas pertencem a Lucien Febvre, apresentando seu propósito, como historiador, ao tratar d’Un destin: Martin Luter. Indivíduo e sociedade – eis o problema de ambos. Como se relacionam ambos em sua época – eis o desafio.

Há, em suma, no livro, um grande historiador comunista, que se forma nas frustrações de um comunista historiador; um geógrafo historiador, não fazendo muito sentido as disputas infantis por essas denominações profissionais em torno de seu nome; um marxismo que não elimina a perspectiva braudeliana, não fazendo muito sentido

oposições simbólicas, no limite, pueris, entre as associações fáceis oriundas de recursos teóricos de que nos valem. Há, finalmente, um historiador geógrafo - inverto agora, para não me acusarem da disputa que gostaria de eliminar - que formou-se na FFCL, ainda que não tenha feito sua “formatura” nela - não fazendo, portanto, muito sentido, sermos contra a profissionalização do ofício “porque nosso grande historiador Caio Prado nem era formado em História”, como reiteradas vezes o desconhecimento histórico permitiu alguns bradarem nessas discussões. Os jovens historiadores e estudantes que porventura lerem esta resenha - e tiverem disposição à abertura de espírito, como requer o ofício - logo entenderão por que a leitura desse livro é indispensável: ele desfaz uma confortável imagem com a qual o senso comum acadêmico gosta de repousar a inteligência.

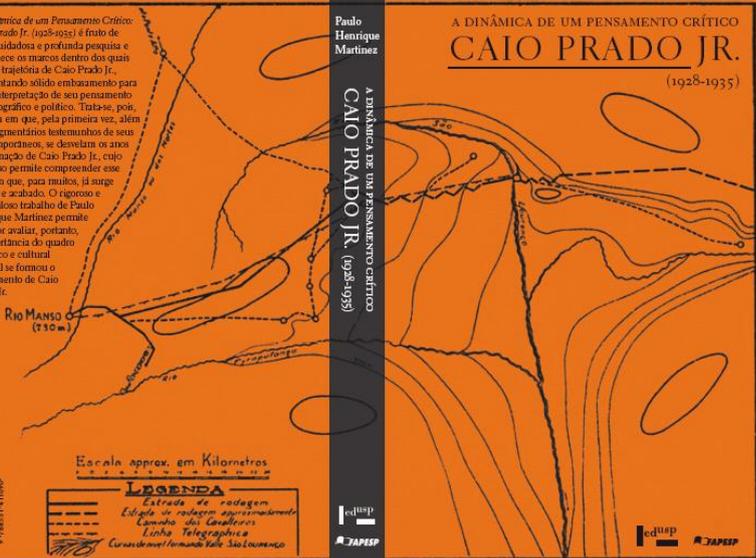
19 em past

Paulo Henrique Martinez

A Dinâmica de um Pensamento Crítico: Caio Prado Jr. (1928-1935) é fruto de uma cuidadosa e profunda pesquisa e estabelece os marcos dentro dos quais se dá a trajetória de Caio Prado Jr., apresentando sólido embasamento para uma interpretação de seu pensamento historiográfico e político. Trata-se, pois, de obra em que, pela primeira vez, além dos fragmentários testemunhos de seus contemporâneos, se desvelam os anos de formação de Caio Prado Jr., cujo processo permite compreender esse homem que, para muitos, já surge pronto e acabado. O rigoroso e metuciloso trabalho de Paulo Henrique Martinez permite ao leitor analisar, portanto, a importância do quadro histórico e cultural no qual se formou o pensamento de Caio Prado Jr.

Paulo Henrique Martinez
A INFLUÊNCIA DE UM PENSAMENTO CRÍTICO
CAIO PRADO JR. (1928-1935)

A DINÂMICA DE UM PENSAMENTO CRÍTICO
CAIO PRADO JR.
(1928-1935)



Escala approx. em Kilometros

LEGENDA
 Estrada de rodagem
 Estrada de rodagem aproximadamente
 Caminho dos Cavaleiros
 Linha Telegrafica
 Curva de nível/terreno de São Lourenço



O Sentido da
História na
REVOLUÇÃO de
Caio Prado Júnior

Eduardo Bellandi¹

¹ **Eduardo Bellandi** (membro do *Núcleo de Estudos d'O Capital* do
PT)

Muito embora uma alentada biografia do historiador e militante comunista Caio Prado Júnior a obra *Caio Prado Júnior: o sentido da revolução*, do também historiador e professor da Universidade de São Paulo Lincoln Secco é uma detalhada descrição e apurado relato do surgimento do *marxismo* no Brasil.

Por meio da vida e obra de trajetória única desse intelectual, o modo de compreensão e interpretação da realidade denominado *marxismo*, surgido desde a dupla revolução (econômica e política) definidora do mundo contemporâneo e presente na obra de Karl Marx assim como de seus seguidores, chega ao país.

A etapa inicial desse percurso pode ser compreendida e assim a denomina Lincoln Secco, por *significado da adesão*. Tendo por marco a filiação de Caio Prado Júnior ao Partido Comunista do Brasil (na sigla PCB), no ano de 1931. Tem, porém, sua origem no período anterior da vida do militante comunista.

Informa Lincoln Secco: “compreendendo que havia uma relação proporcional entre a miséria moral e cultural da população e o baixo nível político das classes dominantes” e que “tal situação... não interessava a ambas as classes”, irá Caio Prado Júnior se filiar “muito mais a uma tradição de contestação intelectual... *que via na degradação do escravo a*

degradação do próprio senhor” (citações à página 47, o itálico é meu).

Embora própria de uma compreensão da realidade anterior e alheia ao surgimento do comunismo no Brasil, a adesão de Caio Prado Júnior ao PCB não marcará de maneira menos radical e indelével sua peculiar trajetória.

Será constituída esta adesão de um significado de *profunda escolha pessoal*: uma verdadeira *escolha de vida* – citações atribuídas por Lincoln Secco ao historiador marxista Eric Hobsbawm e ao líder comunista italiano Giorgio Amendola – definidora da opção política que permeará sua existência.

Desde então, Caio Prado Júnior travará intensa luta cultural voltada para a mudança da face amorfa do país. O mais importante, senão o principal dessa luta será travado na tentativa da transformação do PCB no mais adequado instrumento dessa mudança.

O final da década de cinquenta e início da década de sessenta do século passado, marcariam um momento de transformação na cultura da esquerda no Brasil.

A desestalinização ocorrida desde 1956 virá permitir “uma tímida abertura intelectual” (página 104), muito embora permaneçam latentes as divergências existentes no interior do PCB, no que toca a interpretação da inserção brasileira no

contexto mundial, tanto quanto à compreensão da história do país.

Foi o golpe militar de 1964, para o qual o PCB não tinha explicação aceitável, o principal fator a colocar por terra o arcabouço de interpretação histórica que sustentava a compreensão que o partido fazia da realidade brasileira: essa interpretação definia o país “como um capitalismo industrial bloqueado, seja pelo imperialismo, seja pela herança colonial” (página 108).

É nesse contexto que Caio Prado Júnior irá publicar o livro *A Revolução Brasileira* de maneira a estabelecer um vínculo entre uma interpretação da história do Brasil e um “programa político revolucionário supostamente adequado” (página 117) para o momento.

Embora já desfrutasse, desde o início da década de sessenta de um “prestígio intelectual, muito além de seu partido” (página 107), será como intelectual orgânico ao PCB e militante revolucionário, que Caio Prado Júnior realizará a adequação do marxismo até então praticado no país com a compreensão da história mesma desse país.

Será a “insistência na historicidade do marxismo” (página 115) que fará o autor realizar a necessária e ausente, até aquele

momento, adequação da história do país com a interpretação de sua realidade, que era feita pela esquerda comunista, até então.

A história como método de interpretação marxista surgirá em Caio Prado Júnior desde o lançamento de seu *ensaio de interpretação materialista da história brasileira*, lançado em 1933 e denominado *Evolução Política do Brasil*, onde “revela os elementos materiais que definiram a forma de organização econômica do Brasil” (página 162).

Concomitante ao período que vivia o país – de insurgências revolucionárias ocorridas desde 1922 e assinaladas em nossa história como *movimento tenentista* – Caio Prado Júnior irá descrever o processo de emancipação colonial (e parcial) do Brasil desenvolvido a partir de 1808, com a chegada da Família Real portuguesa.

Dará destaque às *lutas regenciais*, caracterizadas por seu “ímpeto difuso e desordenado”, assim como pela “ausência de um programa” e “direção política” (página 163), de maneira a resultar no desenlace final do processo histórico que conhecemos como Independência do Brasil – que se inscreve, na história do país, como artifício destinado a barrar os avanços da *revolução constitucional do Porto*.

Este pequeno livro irá mostrar em Caio Prado Júnior, um leitor atento da obra *O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte*, onde

Karl Marx realiza seu relato factual e anticlimático d'A *Primavera dos Povos*.

Será nas obras seguintes *Formação do Brasil Contemporâneo*, de 1942 e *História Econômica do Brasil* de 1945, que veremos realizar-se plenamente o método marxista denominado materialismo histórico, por meio do qual Caio Prado Júnior irá “à história concreta para empreender a viagem de retorno e elaborar uma formalização científica” (página 176).

A primeira destas duas obras inscreve-se como marco em nossa historiografia, ao dar significado à nossa colonização como uma estrutura destinada a “atender necessidades externas” (página 171).

Definindo a sociedade colonial brasileira como periférica, Caio Prado Júnior deslocará para o mercado mundial os fundamentos da economia cuja definição política será dada pela metrópole lusitana. E Lincoln Secco irá assinalar: “a tragédia daquela sociedade é que seu único setor organizado e que mantém nexos éticos mínimos que permitem a estruturação e continuidade da vida social é a escravidão” (página 174).

Na obra de 1945, *História Econômica do Brasil*, Caio Prado Júnior ampliará a formulação, anteriormente inscrita ao âmbito colonial, para os períodos imperial e republicano: após sua independência política o Brasil permanecerá sendo uma

economia colonial para a qual o início do século XX servirá de posto avançado destinado a “se fazer um balanço de três séculos de colonização” (página 181).

Caio Prado Júnior e depois – passados quase vinte anos de sua morte, a obra de Caio Prado Júnior permanece um importante instrumento na compreensão do Brasil contemporâneo.

De que outro modo entender as contradições que vitimam o governo atual presa fácil entre as garras de um agro-negócio, prejudicial ao meio ambiente e exportador de matérias primas nos moldes daquele mesmo latifúndio agro-exportador, que impede a reforma agrária que Caio Prado Júnior tantas vezes propugnou?

Portanto, é toda uma interpretação histórica da atualidade brasileira que perfaz a obra *Caio Prado Júnior: o sentido da revolução* de Lincoln Secco, propiciando ao leitor um vasto panorama da realidade histórica nacional, por meio da utilização de um dos mais apurados instrumentos de compreensão da realidade já criados e, desde então presente no Brasil.



Depoimento de Fúlvio Abramo

a Lincoln Secco, Marcos
Delgado e Sandro Wambier em
1 de fevereiro de 1992

Fúlvio Abramo

A Família Abramo é originária de duas partes da Itália (da parte do pai é do sul da Itália, da parte da mãe é do norte da Itália). O sul da Itália era considerado quase que uma “Espanha” devido a todo o período espanhol que tinha

imprimido as suas características e a muitas coisas da vida social e política. Ao passo que meu avô (que era do norte) estava muito mais ligado com o mundo que era muito mais pleno de idéias. O sul da Itália dava filósofos, o norte dava políticos.

A Itália se unificou devido aos esforços de Mazzini e Garibaldi, não do rei. Não foi a burguesia italiana que não tinha interesse na unidade, quem tinha interesse era o povo que deu apoio a dois revolucionários, porque Mazzini e Garibaldi eram revolucionários ao seu modo, eles fizeram uma revolução nacional que demorou 50 anos para se realizar, mas se realizou e terminou com a conquista da unidade da Itália, dividida desde os tempos bizantinos, da queda do Império Romano.

O meu avô nasceu em uma cidade do norte da Itália muito próxima da fronteira da Áustria e era um homem que estava profundamente empenhado nos ideais anarquistas que ele conhecia através daquele contato que o norte da Itália tinha com o resto da Europa e com a Alemanha e a França em particular. A Lombardia e o Piemonte, por exemplo, essas duas culturas se fundiram no norte da Itália.

E foram essas duas conjunturas culturais de destaque na Itália que deram “origem” a um lado da nossa família que tem um estilo aristocrático, mas cujo outro lado é popular e

revolucionário (anarquista). Apenas o nosso espírito pessoal indicava que nós pertencíamos a outra classe que não a dos trabalhadores. Mas meu avô (que também não era um trabalhador, embora houvesse a lenda de que Bortolo Scarmagnan era camponês etc., o que não é verdade) era proprietário de terras e naquele tempo proprietário no norte da Itália não era *popolo minuto*, era *popolo maggiore*. Mas ele era anarquista tanto que o pai (que era conservador) o expulsou. Foi depois que teve um choque com as autoridades austríacas que ele foi obrigado a abandonar a Itália e vir com toda a família ao Brasil.

Meu pai, ao contrário, é de uma família muito antiga do sul da Itália. Nasceu numa casa que ainda existe (foi construída em 1376). Era a Torre de Torracca que deu nome à cidade. Minhas irmãs quando foram à Itália dormiram na casa. Eu não consegui porque quando passei por lá a cidade ainda não havia sido reconstruída (depois da 2ª Guerra).

Então, meu pai era, digamos assim, da “aristocracia média”, porque já não era rica, mas era ainda uma família de proprietários, tanto que eles importavam desde o começo do século passado, 1820, 1830, importavam do Brasil madeira, tabaco etc. e traziam para cá e traziam ao Brasil.

Foram os negócios dessa firma que meu bisavô tinha (chegaram a um ponto crítico) que obrigaram meu bisavô a mandar meu avô para cá. Meu avô voltou à Europa e foi assassinado, então mandaram meu pai para cá, para ver se arrumava os negócios da firma. Meu pai chegou aqui, viu que não tinha salvação, fechou os negócios e resolveu ficar por aqui. Ele se casou com a filha de um italiano que estava enriquecendo muito com negócios financeiros, bancários etc. Desse primeiro casamento teve uma filha que ainda vive e está com 98 anos em Araraquara. A mãe dele morreu logo depois de dar à luz e a menina foi criada pela família da mãe (meu pai era solteiro e era naquele tempo inconcebível que ele criasse a filha). Então ela foi criada dentro de parâmetros muito conservadores, é [hoje] a mais velha, mas é só parcialmente Abramo, dentro daquele conjunto de “denominadores”.

Depois, então, meu pai se casou com minha mãe, filha desse Bortolo Scarmagnan, anarquista, que tinha vindo ao Brasil e como não queria empregar-se porque era anarquista, ele começou a fazer biscoitos (não sei porque ele gostava de biscoitos, tinha aprendido). Teve tanto êxito que ficou em poucos anos rico (em 3 anos ficou rico) porque não havia fábrica de biscoitos naquele tempo. Ele era o único que fazia dezenas de tipos de biscoito, fazia ele mesmo a massa, aquela

coisa toda, não tinha empregados e era ajudado por um filho, Olindo. Muitas vezes eu saí com meu avô com sacos grandes de bolachas (que não era pesado) e ia na Avenida Paulista entregar aos fregueses. Eu me lembro muito bem da família que era “dona dos enterros” (naquele tempo era uma firma particular que fazia os enterros, não era a prefeitura), riquíssima e que era o maior freguês do meu avô, comprava muito. E os outros fregueses eram todos da Paulista, que estava cheia de palácios recém-construídos pelos novos-ricos. Ele ficou tão rico que voltou para a Europa, gastou o dinheiro, ficou algum tempo e veio para cá de novo. Aí ficou sem dinheiro e se dedicou aos ideais anarquistas. No Brasil, ele teve uma atividade muito grande, nos sindicatos todos ele participava de uma maneira muito frequente. Discursava. O último discurso dele foi proferido no Largo da Sé em 1932. Ele falava uma mistura do seu dialeto, italiano e português, mas fazia-se entender e era amado por todo mundo. Mesmo nos primeiros comícios em 22, os anarquistas que não souberam ler o noticiário sobre a Revolução de 17 fundaram o Partido Comunista já com uma burocracia que existe até hoje e se rompeu agora com uma parte ao lado do “construtor de cascas de ovo” Niemeyer (demonstrador de total imbecilidade que até hoje não entendeu que o Stalinismo surgiu exatamente para

fazer isto que o Gorbatchev fez: entregar a propriedade coletiva da Rússia para a burocracia, transformando-a numa classe dominante, proprietária. Eles não entenderam a essência do Stalinismo). A mesma coisa o PCdoB. Já a outra parte do PC entendeu muito melhor o Stalinismo que até aderiu ao Collor.

Essa coisa toda vem de lá. Talvez os exegetas não tenham se fixado neste ponto que eu considero muito importante: o fato do partido comunista ter surgido como reflexo das informações distorcidas por anarquistas que consideravam que a Revolução Russa era anarquista mostra como era atrasada a ligação do Brasil com o mundo.

O noticiário chegava de uma maneira tão alterada que até pessoas habituadas a tratar dos problemas da Revolução, como os anarquistas, confundiam-se. Esse tipo de informação errônea se compreendia naquele tempo porque não havia o oligopólio da informação como há hoje; não havia essa unidade de classe que tem hoje a imprensa internacional; não havia nem essa unidade de classe e de propriedade dos meios de informação e de cultura (hoje o mundo “pertence” a um oligopólio de rede de informação e de produtores da cultura capitalista). Naquele tempo não era assim, era anárquico mesmo.

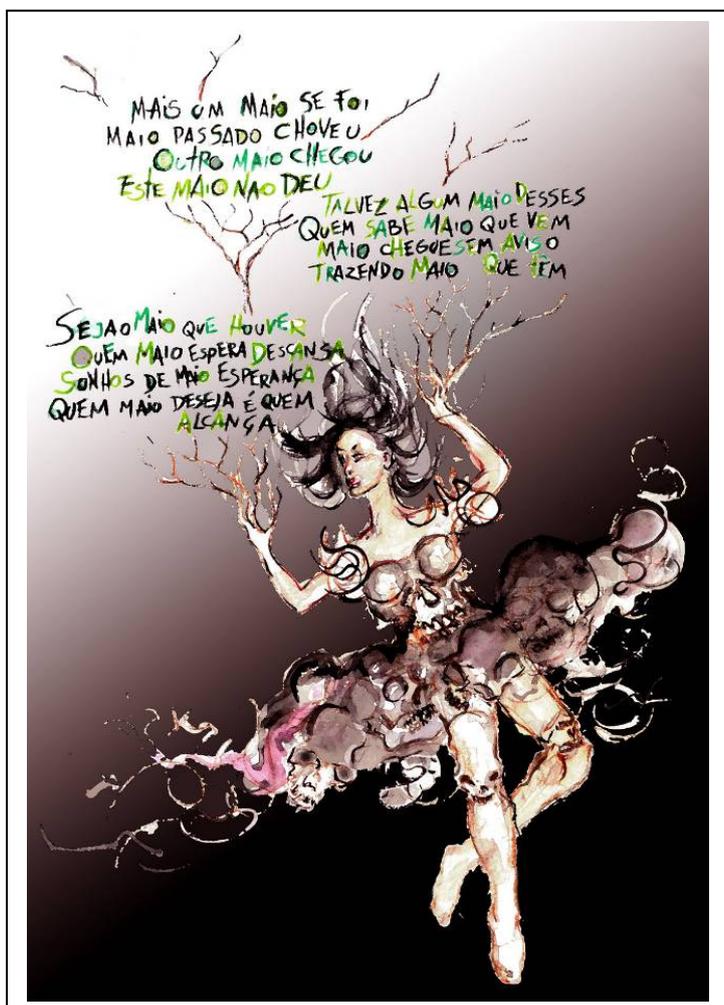
Bem, meu avô não acreditou no partido comunista e continuou anarquista, mas se manteve simpático à Revolução. Nesse discurso de 32 ele reafirmou que o movimento comunista de Lênin e Trotski era progressista e não era seu inimigo como pensavam muitos outros anarquistas a exemplo do pai da mulher do Jorge Amado, Gattai. Ela é tão falsa como qualquer stalinista e só diz mentiras sobre o pai dela. Quando houve a Revolução de 17 ele foi imediatamente contra e continuou contra o marxismo de maneira absoluta.

Os anarquistas, como o pai do Lorenzetti, o pai do Calloi, o pai dos Ostti, dos Pinotti, começaram a enriquecer.

Poesia

68 89 98...

Ana Lúcia



Próximo Número de “Mouro”

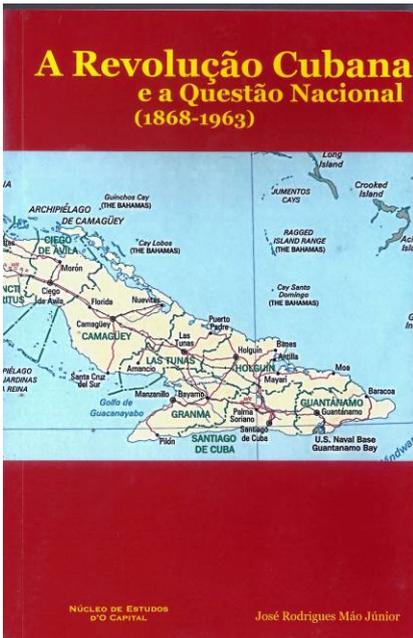
CUBA

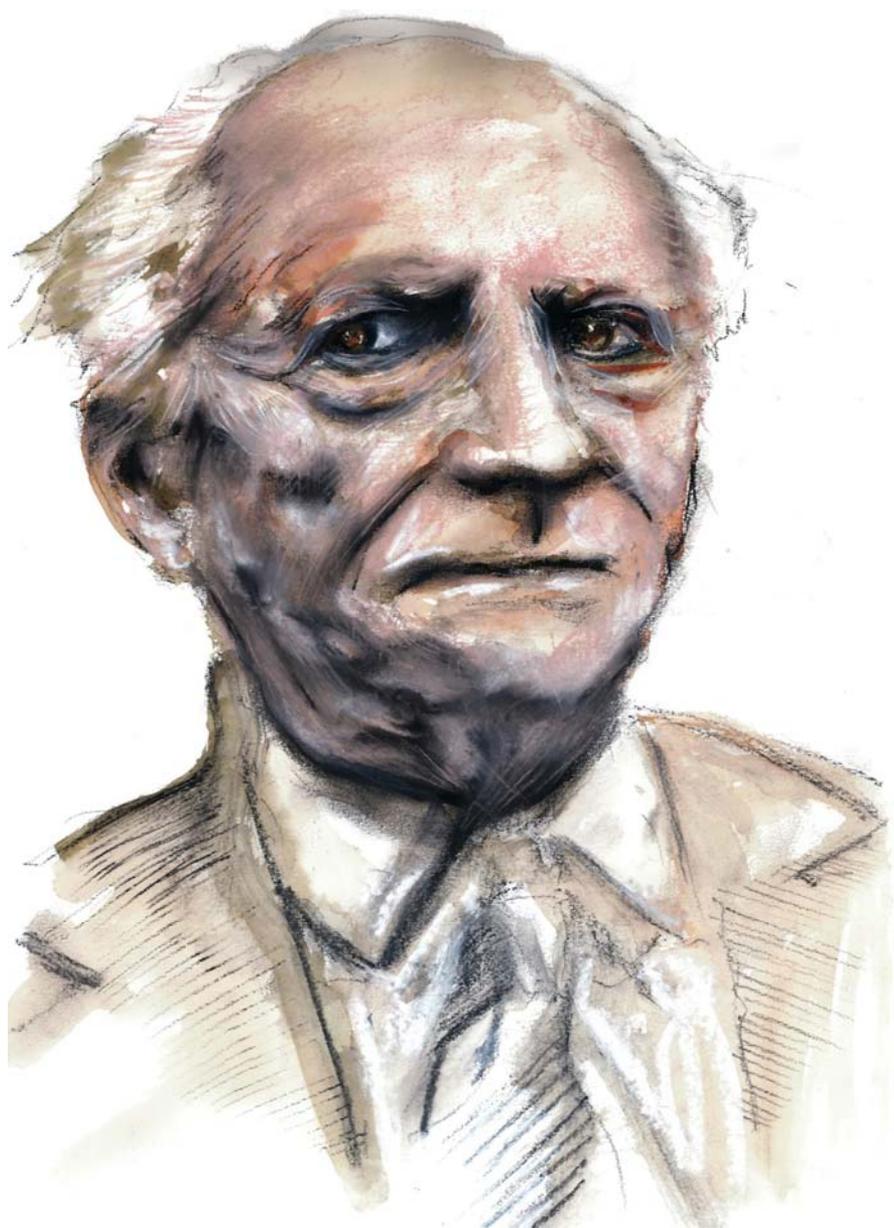


A Revolução Cubana e a Questão Nacional (1868- 1963)

José Rodrigues Mão Júnior

Núcleo de Estudos d'O Capital





Fúlvio Abramo